



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

PAULA DE ALMEIDA SANTOS

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

CAJAZEIRAS

ABRIL - 2013

PAULA DE ALMEIDA SANTOS

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande-Campus Cajazeiras/PB, para Conclusão do curso.

Orientadora: Prof.^a Ms. Débia Suênia da Silva Sousa

CAJAZEIRAS, PB

ABRIL-2013

PAULA DE ALMEIDA SANTOS

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

DATA DE APROVAÇÃO: ____/____/____/

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms. Débia Suênia da Silva Sousa
Presidenta da Banca/UFCG-CFP-UAE

Prof.^a Ms. Ednaura Almeida de Araújo
Examinadora/UFCG-CFP-UAE

Prof.^a Ms. Belijane Marques Feitosa
Examinadora/UFCG-CFP-UAE

“Ler não é caminhar e nem voar sobre as palavras. Ler é reescrever o que estamos lendo, é perceber a conexão entre o texto e o contexto e como vincula com o meu contexto”.

(FREIRE, 1986)

À

Deus, aos meus pais, irmãos, professores e amigos que estão sempre presentes em minha jornada.

RESUMO

Neste estudo, acerca da Importância da leitura e da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental, objetivou-se analisar as dificuldades de leitura e escrita no processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Este estudo é baseado numa pesquisa qualitativa, com tabulação de entrevistas que mostram as dificuldades de aprendizagem dos educandos na cidade de Sousa-PB. Será visto um breve histórico da leitura e da escrita e as relações entre professores e educandos destacando a importância da leitura e da escrita, bem como caracterizando as práticas docentes. Este estudo teve como princípio uma pesquisa exploratória junto a Escola Municipal de Ensino Fundamental Sinhá Gadelha, Sousa-PB, seguido por uma entrevista com sujeitos que atuam no Ensino Fundamental e por educandos que vivenciam na prática as dificuldades de leitura e escrita. Foi observada a formação, o tempo do magistério dos professores, e como esses atuam em sala de aula nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Apesar das transformações ocorridas ao longo dos tempos, poucas mudanças ocorreram, pois muitos educadores ainda estão agarrados a uma prática formalista e mecânica onde aprender a ler/escrever acaba sendo para a maioria dos alunos algo enfadonho e obrigatório. Compete ao professor enquanto mediador da aprendizagem fazer com que através da leitura e da escrita ocorra novas perspectivas para o educando, a fim de que se torne um bom leitor expandindo seus horizontes. Sendo assim para que a apropriação da leitura e da escrita tenha sucesso é necessário que a escola retome o desenvolvimento de habilidades que corroborem com a superação das dificuldades da leitura e da escrita. O que se pode concluir é que a leitura e a escrita são pré-requisitos para as outras aprendizagens escolares, portanto, devem ser priorizadas.

Palavras-chave: Dificuldade de aprendizagem. Leitura e escrita. Professores e escola.

ABSTRACT

In this study, about the importance of reading and writing in the first years of elementary school, we analyzed the difficulties in reading and writing in the teaching and learning. This study based on qualitative research interviews with tabulation showing the learning difficulties of students in the city of Sousa-PB. Will see a brief history of reading and writing and the relationships between teachers and students highlighting the importance of reading and writing, as well as characterizing teaching practices. This study was an exploratory principle at the Municipal School of Basic Education, Sinhá Gadelha, Sousa-PB, followed by an interview with the subjects participating in Elementary Education and for students who experience difficulty in the practice of reading and writing. Formation was observed, the teaching time of teachers, and how these work in the classroom in the first years of elementary school. Despite the changes occurring over time, few changes occurred because many educators are still clinging to a mechanical and formalistic practice where learning to read/write ends up being for most students something boring and obligatory. The teacher as a facilitator of learning makes it through reading and writing open up new perspectives for the students so that there is a synergy between writing and for the world to life and expanding your horizons. So for the appropriation of reading and writing to succeed it is necessary for school to resume skills development corroborating overcoming the difficulties in reading and writing. What can be concluded is that reading and writing are prerequisites for other school learnings and should therefore be prioritized.

Keywords: Learning disabilities. Reading and writing. Teachers and school.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I - METODOLOGIA	11
1.1 Tipo de pesquisa.....	11
1.2 Instrumentos de coleta de dados.....	11
1.3 Local da pesquisa.....	12
1.4 Sujeitos da pesquisa	13
CAPITULO II – LEITURA E ESCRITA	15
2.1 Breve relato do contexto histórico da leitura e da escrita.....	15
2.2 O professor da escola pública e o acesso aos livros	17
2.3 A importância e o desenvolvimento da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental	19
2.4 A importância e o desenvolvimento da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental.....	23
2.5 Os caminhos da leitura e da escrita	25
CAPITULO III – CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO DA APRENDIZAGEM: CARACTERIZAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE FRENTE À LEITURA E A ESCRITA DOS EDUCANDOS	28
3.1 Vivenciando a leitura e a escrita na sala de aula	28
3.2 A aprendizagem da leitura e da escrita.....	35
CAPÍTULO IV – IDENTIFICAR AS DIFICULDADES QUE OS ALUNOS SENTEM EM RELAÇÃO À LEITURA E A ESCRITA	38
4.1 Dificuldades de leitura e escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental.....	38
4.2. Como se forma leitores?	40
4.3. Ler sem escrever	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS:	49
APÊNDICES	51
APÊNDICE A – Modelo de Termo Livre de Consentimento para as professoras partícipes da pesquisa	52
APÊNDICE B - Roteiro de observação para as salas de aula investigadas (Diário de Campo).....	53
APÊNDICE C – Modelo de entrevista aplicada as professoras	59
APÊNDICE D – Modelo de entrevista aplicada aos alunos	60

INTRODUÇÃO

O que se pretende aqui é abrir uma discussão a cerca da temática leitura e escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental na cidade de Sousa-PB. Este trabalho tem como princípio discutir as dificuldades de leitura e de escrita e as práticas dos educadores frente aos educandos, mostrando de maneira clara o quanto é importante que o professor seja parceiro do aluno para que aconteça o processo de ensino e aprendizagem de forma significativa.

Pois se sabe que a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, e é justamente dentro deste processo que se torna importante que o leitor possa alcançar os objetivos que guiam a leitura e a escrita.

Grandes e consideráveis mudanças são vistas e vividas no âmbito do contexto da leitura e da escrita, como a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa e o apoio de teóricos que se preocupam em enfatizar a leitura e a escrita relatando que para se construir um objetivo de aprendizagem, é necessário que se tenha sentido do ponto de vista do educando.

A educação brasileira busca a elevação do nível da escolaridade da população, melhoria da qualidade do ensino, mas para isso é necessário unir o saber, a experiência e a consciência e muitas vezes a escola propicia o ensino da leitura e da escrita de maneira abstrata.

É através da leitura e da escrita que o indivíduo se firma como sujeito no meio em que vive, podendo, entre outras habilidades, comunicar-se com seus pares, trocar experiências, e, sobretudo, agir interferindo na realidade que está inserido. Em todo contexto da educação, a leitura e escrita, enquanto ato crítico e significativo, cada vez mais se perpetua uma prática tradicionalista dentro das escolas.

Muitos são os fatores que se apontam como justificativa para o desinteresse dos educandos pela leitura e, conseqüentemente pela escrita, porém é evidente também que é da escola que a sociedade cobra o incentivo e o despertar nos educandos, do gosto pela leitura, e mesmo assim a escola demonstra está despreparada para exercer tão importante papel. O que se observa é o fato de grande parte dos educadores não possuírem uma concepção clara e objetiva da função da leitura e acabam encontrando dificuldades, na escolha de materiais adequados, na elaboração de atividades, bem como na definição de metas a serem alcançadas com a prática da leitura e da escrita. Por isso, muito do que se pode fazer para amenizar e/ou resolver as deficiências de leitura e escrita está diretamente

ligada à visão do educador quanto à importância de assumir uma prática diferenciada e significativa quanto à leitura e a escrita.

O tema leitura relacionado às práticas e as competências leitoras têm ocupado espaço considerável na educação e na mídia brasileira. Porém se não houver por parte dos educadores ideais necessários a uma prática de ensino da leitura e escrita que visem efetivar na escola a presença de educadores leitores, que sintam prazer na leitura, que sejam bem informados e instrumentalizados a tal prática, proporcionando a motivação da leitura nos anos iniciais para a formação de leitores efetivamente comprometidos com a prática social da leitura e da escrita.

Este TCC constará de quatro capítulos que apontarão focos da trajetória e dificuldades vivenciadas no uso da leitura e da escrita.

O primeiro capítulo apresentará a metodologia que discorrerá sobre o modo como se deu a realização deste trabalho. Baseado em uma pesquisa quantiquantitativa, em um diário de campo e em entrevistas com sujeitos envolvidos no processo de aquisição da leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental (professores e alunos).

O segundo capítulo apresentará de forma sucinta um breve histórico da construção da leitura e da escrita desde os primórdios da humanidade aos dias atuais, bem como o papel do professor nos anos iniciais do ensino fundamental e das contribuições elencadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa, entre outros teóricos que no decorrer do exposto serão mencionados na colaboração para as melhorias das práticas da leitura e da escrita dentro da escola.

No terceiro capítulo apresentam-se as contribuições no processo da aprendizagem e a caracterização da prática docente frente à leitura e a escrita, pois a leitura é um dos principais instrumentos para que o indivíduo construa o seu conhecimento e aprenda a exercer sua cidadania, permitindo a construção de um imaginário que transcende as paredes da escola, promovendo a reflexão crítica e o debate de idéias e construção de ideais.

No quarto capítulo tentaremos identificar as dificuldades que os alunos sentem relação à leitura e a escrita, pois a leitura é a condição prévia para a escrita, pois bons leitores são bons escritores e partindo desse princípio o ato de ler deve ir além da leitura das letras, de palavras, levando o educando a leitura de mundo, do contexto cultural onde vive possibilitando o desenvolvimento de todas as habilidades e competências leitoras.

Porém, espero aqui abrir um leque de práticas leitoras que dependerá não só dos educandos em si para que sejam efetivadas, mas principalmente dos educadores que deverão deixar de lado a forma tradicionalista com que conduzem à leitura e a escrita. O não

aprender a ler e a escrever é interromper todo o processo de desenvolvimento do sujeito em sua vida escolar e social; é negar o direito a cidadania; impossibilitando o descobrir do mundo através da leitura e do escrever a sua própria história.

Portanto, a realização deste trabalho se deu com algumas dificuldades, mas que foram superadas. Encontrei dificuldades no que diz respeito à coleta de dados, ou seja, em fazer com que os educadores e alunos respondessem as questões de entrevistas, bem como a disponibilidade de tempo para realizá-la.

Contudo nesse contexto, o grande desafio que se coloca é ao educador que precisa adquirir habilidades e competências tanto para aprender como para ensinar, tendo em vista a grande diversidade de sujeitos formadores do mundo escolar e que atuam cada vez mais no mundo globalizado. Não se pode esquecer que as competências para a leitura e escrita, no sentido da compreensão textual, não acontece do dia pra noite e essa diverge de aluno para aluno. É um processo que demanda tempo, sendo necessária à ação paciente e estimuladora do educador para mediar e ensinar aos alunos o modo como devem proceder com a leitura e a escrita, avançando além da decodificação, descobrindo a aprendizagem de forma significativa como satisfação e realização pessoal.

CAPÍTULO I - METODOLOGIA

1.1 Tipo de pesquisa

O estudo proposto se constitui com uma pesquisa de campo onde se propõe a coletar os dados diretamente no local procedendo à observação de fatos e fenômenos exatamente como ocorrem no real, fazendo com que o investigador assuma diretamente o papel de observador e explorador objetivando compreender e explicar o problema pesquisado com base numa fundamentação teórica como afirma Gonsalves mostrando que, “A pesquisa de campo é aquela que o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre – ou ocorreu – e reunir um conjunto de informações a serem documentadas”. (2001, p. 67).

Utilizamos também o “estudo de caso”, pois privilegia um caso particular no qual se pretende buscar e descobrir o que nela há de mais essencial e peculiar que segundo Gonsalves (2001, p. 67), “é o tipo de pesquisa que privilegia um caso particular, uma unidade significativa, considerada suficiente para a análise do fenômeno”.

Ademais, o estudo se caracteriza com uma pesquisa quantiquantitativa, haja vista está ligado a um trabalho exploratório, com coletas de dados e que define sujeitos e local de pesquisa visando compreender e interpretar o significado que damos as nossas práticas e que segundo Gonsalves,

Utilizar um dado quantitativo não significa necessariamente mergulhar nos pressupostos teóricos do positivismo. Assim como a utilização de um dado qualitativo não indica que você estará mergulhado em pesquisas de caráter etnográfico. (2001, p. 68).

O estudo quantiquantitativo também é destinado a colher informações pertinente ao objeto de pesquisa (leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental) e interferirá diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema apresentado.

1.2 Instrumentos de coleta de dados

Como método de recolha e avaliação de dados optou-se por utilizar perguntas através de uma entrevista aplicada a professores e alunos de 1º ao 5º do ensino

fundamental. Nesse sentido, sabe-se que a entrevista é uma metodologia que exige criatividade, pois

[...] de posse de elementos próprios do campo da investigação social, têm o poder de criar o seu próprio caminho e, ao narrarem os seus percursos, poderão evidenciar um método como aquilo que se construiu ao caminhar. (GONSALVES, 2001 p. 63).

E foi através das entrevistas que consegui fundamentar e assim construir o III e IV capítulos possibilitando um aparato precioso de informações. Deixando claro que os sujeitos envolvidos nas entrevistas tiveram seus nomes fictícios para sigilo de informações.

Também, utilizou-se o Diário de Campo, como fonte documental construída durante a pesquisa, no qual foram registrados os achados desta pesquisadora, durante o momento da observação. Nesse sentido, as memórias do dia a dia ficaram historiadas em tal documento servindo de base para as reflexões e interlocuções no momento de análise dos dados. Pois, segundo Santos todo documento “[...] de memórias e autobiografias, etc., permite compreender como indivíduos experimentam e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral”. (2007, p. 06). Portanto, o Diário de Campo, construído durante a pesquisa possibilitou a análise das situações cotidianas da realidade observada.

1.3 Local da pesquisa

A escola na qual foi realizada a pesquisa é a Escola Municipal de Ensino Fundamental Sinhá Gadelha, localizada na Rua Adilmar de Paiva Gadelha – S/N, Sousa – PB. É uma escola simples, não muito grande com apenas cinco salas de aula, mas que comporta um considerável número de alunos e em cada sala de aula há uma biblioteca improvisada com poucos livros que os alunos utilizam de acordo com a metodologia que o professor apresenta no dia a dia. A referida escola dispõe de sala leitura que por sua vez possui um espaço bem pequeno e de sala de informática com onze computadores onde os alunos acomodam-se de dois em dois, haja vista o número dos equipamentos ser mínimo e que é usada periodicamente através de projetos do Mais Educação. Entre os recursos e equipamentos de uso didático-pedagógicos disponibilizados, existe um microcomputador com impressora, um mimeógrafo que é antigo para nossos dias, porém funcional.

A escola possui apenas uma entrada sempre vigiada e existe uma pessoa encarregada desse serviço. A estrutura física da Escola Sinhá Gadelha não foi construída para creche ou pré-escola, pois segundo a gestora nenhuma escola de ensino regular fundamental nesta cidade- Sousa/PB está adaptada para prestação do serviço creche/ pré-escola.

Apesar dos ambientes da escola ser utilizados para maior comodidade de seus educandos, ela ainda não está adaptada para suprir as necessidades gerais dos alunos, não possuindo berçário e nem sanitários adequados às crianças menores e nem para pessoas com necessidades especiais, deixando a desejar principalmente no quesito aspecto da acessibilidade, pois na sua construção esse assunto (acessibilidade) não era de grande importância como está sendo nos dias atuais.

1.4 Sujeitos da pesquisa

Na construção da pesquisa os sujeitos da pesquisa “se referem ao universo populacional que privilegiará as pessoas que fazem parte do fenômeno que se pretende desvelar.” (GONSALVES, 2001, p. 69). Entre os envolvidos na pesquisa estão totalizados 12(doze) sujeitos. Sendo destes 03(três) professores e 09 (nove) alunos.

Os professores entrevistados já atuam em tempo considerável no magistério. Ludimila (Graduada em pedagogia) e Sara (não informou a formação) ainda se remetem a métodos tradicionais de leitura e escrita, responsabilizando os alunos por suas dificuldades, enquanto que Clara (Bacharel em Ciências Contábeis e tem Curso Normal) tenta superar as dificuldades leitoras e de escrita de seus alunos inovando em métodos que os motivem e incentivem a prática de ler e escrever, evidenciando ser apenas dos alunos as dificuldades vivenciadas.

Quanto aos alunos entrevistados esses se sentiam constrangidos em responder a entrevista, mas consegui com que eles colaborassem. Participaram como sujeito desse processo, Ana do 3º ano, Saulo do 4º ano e Luan do 5º ano. Ambos com muitas dificuldades de leitura e escrita.

No que se refere aos sujeitos envolvidos deparamo-nos com: “sujeito investigador e o sujeito investigado, este último imerso em situação-problema do primeiro que é objeto de investigação do primeiro.” (GONSALVES, 2001, p. 69). Assim o estudo proposto tem como preocupação a importância do incentivo à leitura e a escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental em se tratar de uma pesquisa explicativa que “pretende identificar os

fatores que contribuem para a ocorrência e o desenvolvimento de um determinado fenômeno” (GONSALVES, 2001, p.66),

Desta feita, o objetivo dessa pesquisa é de alertar os educadores a respeito da importância do ato de ler e o incentivo ao hábito que a leitura e a escrita trazem para os educandos.

CAPITULO II – LEITURA E ESCRITA

2.1 Breve relato do contexto histórico da leitura e da escrita

Ao falarmos do contexto d¹⁵a leitura e da escrita é imprescindível lembrarmos suas raízes históricas, já que muito da bagagem histórica que trazemos hoje está devidamente atrelada à herança a nós legada no que tange a formação da nossa cultura.

Desde os primórdios antes mesmo que o homem soubesse escrever, já havia uma grande necessidade de o mesmo registrar os fatos acontecidos, para isso utilizavam-se de símbolos, como desenhos em cavernas, entre outros, e essa manifestação pode ser considerada a mais antiga manifestação da escrita produzida com intenção de leitura para expressar tais fatos. Podemos constatar esses fatos nos livros de história que vemos ao longo da nossa trajetória escolar, que mostram uma tentativa de escrita, embora muito rudimentar, que são os desenhos e pinturas rupestres deixados por nossos antepassados nas paredes de cavernas, fatos estes que podem ser percebidos até hoje em várias partes do mundo.

Com o passar do tempo o homem sentiu necessidade de se expressar mais significativamente, daí em diante a escrita foi mudando, adaptando-se a evolução e as necessidades do homem, e evoluiu de tal maneira envolvendo-nos de tal forma que muitas vezes nem paramos para nos dar conta de como alguém pode viver sem ler e escrever.

A história da escrita passou por diferentes fases, tendo sua fase inicial na Suméria por volta de 3.100 A.C. Podemos descrever as seguintes fases: fase Pictórica, que são os desenhos ou pictogramas deixados em inscrições antigas. Uma adaptação desses pictogramas são os desenhos das histórias em quadrinhos que temos na atualidade, entre outros. Os pictogramas associavam-se apenas a imagem demonstrando apenas o que o homem queria representar.

A fase ideográfica é marcada pela escrita, considerando as mais importantes à egípcia, a mesopotâmica, e os escritos da região do mar Egeu e a chinesa. A escrita era representada através de desenhos ou ideogramas, que com o passar dos anos foram perdendo traços e se tornando uma adaptação da escrita. Vale ressaltar que as letras do nosso alfabeto é um ajuste desse sistema.

¹⁵ Fonte histórica retirada do livro Alfabetização e lingüística do autor Luiz Carlos Cagliari (2001).

A fase alfabética caracteriza-se pelo uso das letras originadas dos ideogramas que com o tempo foram perdendo seu valor ideográfico e assumindo uma função fonográfica. Dentre os mais importantes sistemas fonográficos podemos citar o semítico, o indiano e o greco-latino. Desse último foi originado o nosso alfabeto. Esses sistemas foram fundamentais na construção do nosso código alfabético, pois, os mesmos foram construtores da nossa escrita, a qual se utiliza até hoje.

O sistema alfabético passou por inúmeras transformações até se tornar o que conhecemos hoje.

Foram os fenícios com toda sua perspicácia, que se utilizando dos sinais da escrita egípcia criaram um sistema com números reduzidos de caracteres onde cada um representava um som consonantal. Podemos encontrar influências desse alfabeto até hoje na escrita árabe e hebraica, mas foram os gregos que criaram o sistema alfabético adaptando a escrita fenícia, juntando as vogais que combinadas nos permitem formar uma grande porção de caracteres na escrita. Anos depois se constitui o alfabeto greco-latino adaptado pelos romanos originando assim o nosso alfabeto, ou seja, “[...] as letras do nosso alfabeto vieram desse tipo de evolução.” (CAGLIARI, 2001, p.108).

As diversas produções e instruções da escrita são de grande importância, e não foi só no passado que o homem se comunicou através de símbolos e sinais, até hoje somos rodeados de símbolos, de sinais, desenhos. Podemos constatar a presença dos mesmos nas placas de sinalização, nas artes gráficas feitas em diversos lugares, em instruções para manejo de máquinas, entre outros. São desenhos, símbolos, pinturas, sinais, enfim, um arsenal de escritos ao nosso redor, seguidos da escrita alfabética que é usada para representar a fala e compreender a mensagem, isso tudo nos remete ao passado de onde veio à base cultural de imensa valia que carregamos atualmente.

Nesse sentido, procuramos tratar também da origem da leitura, retomando um passado de lutas e discriminações, onde o direito a leitura só era assegurado aos grandes senhores e o direito das classes menos favorecidas (pobre e negro) era usurpado em favor da “raça superior” (os nobres burgueses). Esse período ditatorial permaneceu em nossa história por longos anos, tanto que até meados do século XIX os livros praticamente não existiam, e os poucos que serviam de base para a leitura nas poucas escolas que existiam, escolas estas que também excluía escravos e mulheres eram textos autobibliográficos, documentos de cartório e até da própria bíblia, servia de manual para as raras leituras que havia na escola. Existia também um tipo de educação, denominada educação geral, onde era repassada a mulher apenas para cumprirem as atividades domésticas.

Quando se trata da origem da leitura no Brasil, desde o período de colonização contratavam-se padres, capelões, mestres-escolas para o ensino de práticas escolares os mesmos eram destinados exclusivamente para este fim, esta afirmativa é confirmada por Bastos

De 1800 a 1807 o Brasil mudou pouco em vários setores, e no ensino nós continuávamos a trabalhar com a gramática de Reis Lobato, imposta por D. José, rei de Portugal que a exigiu não só na metrópole, mas em todas as suas colônias. (1982, p. 92).

Com a vinda da família real para o Brasil e a abertura de postos, sentia-se cada vez mais a necessidade de instrução para e exploração da força de trabalho.

O Brasil também começava a se transformar, porém mais lentamente, mas, já se notava que havia cada vez menos influência da aristocracia e do clero sobre o povo.

No entanto muito ainda precisa ser feito em nosso país para que haja uma maior qualidade no ensino da leitura e da escrita na escola pública.

2.2 O professor da escola pública e o acesso aos livros

Estamos cansados de ver nos noticiários que mostram grandes qualidades de ensino no Brasil, como a nota do IDEB (Índice de Desenvolvimento Educacional Brasileiro) vem melhorando. Será verdade? Ou será que são apenas demagogias políticas que zelam apenas pela própria imagem no que concernem as políticas públicas destinadas à educação?

Faz-se necessário lembrar que as condições dadas aos professores também influenciam fatalmente nas condições de aprendizagem dos educandos. Será que nas condições de trabalho dos professores das escolas públicas também estão inclusas boas condições para o acesso aos livros? Será que o professor está lendo suficiente? E nas escolas públicas existem bibliotecas de qualidade? Que tempo sobra para o professor dedicar-se a leitura?

No que diz respeito a essa questão é preciso um olhar mais profundo, pois, quantos de nós que somos, que seremos ou estamos professores temos vontade ou mesmo possibilidades de tratar do nosso desempenho. É preciso deleitarmos nas leituras de bons livros e buscarmos assim melhores condições de aprendizagem para nós e para nossos alunos, incentivando-os ao bom hábito da leitura e da escrita para que não ocorra como em outras décadas o déficit dessa temática, como por exemplo, quando:

O empobrecimento das possibilidades de leitura dos professores e, por consequência, do alunado, como ocorreu mais incisivamente no período de ditadura e arbítrio, significou antes de tudo o empobrecimento do próprio ensino. (SILVA, 1993 p.16).

O empobrecimento acontece quando a leitura e a escrita são tidas como uma obrigatoriedade e, por conseguinte não é realizada em sala, pois, para muitos professores toma tempo da aula programada. Mesmo programada a leitura para fazer parte da aula ela acaba sendo pobre e obrigatória, destinando pouco tempo para que o aluno sinta prazer em realizá-la, boa parte do tempo é destinado a atividades escritas.

Existe um fato que, ainda, nos causa vergonha de sermos ou de irmos a ser professores da escola pública brasileira, fato este que está atrelado a um regime opressor que pouco a pouco foi desempossando o professor de seus mais necessários instrumentos de trabalho: o acesso aos livros, fundamental instrumento para a sua formação e atualização no mundo. Não devemos ligar este fato ao mero acaso, pelo contrário ele deve ser entendido como uma opressão de um regime militar vivido na década dos anos 60. Cada vez mais mantêm o interesse de colocar professores e alunos em situação de ignorância, minimizando assim a expansão do saber sucumbindo à construção do conhecimento de forma prazerosa. Ao passo que o acesso ao livro foi de certa forma expropriado dos educandos, por outro lado a leitura crítica jamais poderá ser tirada deles, a chamada leitura de mundo como afirma (FREIRE, 2009, p.11): “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. Está presente em todas as áreas do nosso contexto social, a leitura esta que deve estar conectada ao processo de construção dos alunos, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental quando se iniciam o processo de alfabetização e letramento das crianças. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs) explicam: “Considerar a alfabetização em seu sentido restrito de aquisição da escrita alfabética ocorre dentro de um processo mais amplo de aprendizagem”. (BRASIL, 200, p. 35).

Enquanto que letramento segundo Soares,

é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. O estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. (2001, p. 10).

Entende-se então, que o domínio da escrita alfabética é um conhecimento necessário para que alguém seja, de fato, cidadão letrado, porém temos a clareza que o conhecimento adquirido não dá conta do aprendizado dos diferentes gêneros textuais e de suas funções e seu uso no cotidiano.

2.3 A importância e o desenvolvimento da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental

Compreender o mundo a nossa volta se torna imprescindível para o progresso educacional eficiente. A mistura entre o texto e o contexto alcança o ápice da compreensão do que almejamos alcançar em nossas leituras.

A maior parte do conhecimento humano é obtida através da leitura, por isso a necessidade de ler muito.

A leitura não pode ser vista apenas como mera decodificação de símbolos linguísticos é preciso ir muito além, é fundamental que o professor crie possibilidades para que a criança entenda o que está lendo, pois, assim ela será capaz de compreender, atribuir significados, relacionando também o seu conteúdo com outros textos lidos e acima de tudo relacionar o que se lê com fatos vivenciados ou fatos gerais do cotidiano social, com esta relação entre a leitura e o contexto em que a criança está inserida a leitura será muito mais prazerosa e emocionante, despertando na criança a vontade de buscar a leitura cada vez mais.

O incentivo a esta prática desde os primeiros anos da criança é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, lembrando que este é um processo contínuo e lento que vai além da formação intelectual. Como afirma o Parâmetro Curricular da Língua Portuguesa:

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso a informação, expressa e defende pontos de vista, ou constrói visões de mundo, produz conhecimento (BRASIL, 2001, p. 15).

O papel do educador é essencial no incentivo a prática da leitura nas crianças, fazendo com que através do mundo da leitura abram-se novos caminhos, afim de que se tornem leitores da escrita para o mundo da vida, alargando assim seus horizontes. Assim o professor atua como facilitador da aprendizagem. Contudo não cabe desvincular toda a responsabilidade da sociedade, dos pais e de quem está ao redor da criança nesse processo e

impor a escola, pois é preciso que se forme um elo entre, escola, família e comunidade, para que haja uma formação eficiente de leitores. Nesse sentido, Barbosa afirma que:

A partir do momento em que a criança entra em contato com uma situação de leitura, ele inicia o processo evolutivo dessa aprendizagem, pois a escrita está presente em suas várias formas de uso, permitindo considerar uma diversidade de condições de leitor. (1994, p. 37).

Independente de idade o contato com o mundo, desenvolve por si só nos sujeitos maneiras de interagir com o mesmo e realizar atos de leitura. Sobre esse prisma,

Leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade. (SOUSA, 1992, p. 22).

O processo de aquisição da leitura desde cedo está intimamente relacionado com o sucesso durante toda a vida educacional do sujeito, esse processo está diretamente ligado a alfabetização, pois uma criança mal alfabetizada pode carregar consigo grandes dificuldades durante todo o ciclo escolar e acadêmico.

Desta maneira percebe-se que a escola deve manter todo aparato legal necessário, suficiente, dinâmico e variado para estimular o interesse das crianças para que elas se sintam envolvidas por esse mundo novo de descobertas, facilitando assim a absorção dos conteúdos no desenvolvimento de uma aprendizagem que tem lugar fora dela. Nesse sentido, Braga afirma que:

A escola precisa ser um espaço mais amplamente aberto a todos os aspectos culturais do povo, e ir além do ensinar a ler e a fazer as quatro operações. Precisa investir em bons livros, considerando que a cultura de um povo se fortalece muito pelo prazer da leitura; e a escola representa a única oportunidade de ler que muitas crianças têm. É necessário propiciar nas salas de aula e na biblioteca a dinamização da cultura viva, diversificada e criativa, que representa o conjunto de formas de pensar, agir e sentir do povo brasileiro (1985, p.7).

É papel do educador criar situações onde a criança possa vivenciar a leitura como algo prazeroso, capaz de motivar o aluno a desejar ter um maior contato com a prática da leitura

além do ambiente escolar, pois, infelizmente a leitura nas escolas ainda é vista como uma obrigação para que se cumpram as exigências do currículo. Isso implica em uma revisão minuciosa das práticas do ensino da leitura. Bem se sabe que bons leitores se formam através de materiais de leitura enriquecidos, no momento em que as crianças são levadas ao mundo da escrita. Elas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma a qualidade de suas vidas melhora com a leitura.

Irané Antunes em seu livro *Aula de Português: Encontro Interação*, afirma, “[...] a escola como qualquer instituição de ensino reflete as condições gerais da vida da comunidade em que a criança está inserida” (2003, p. 120).

Remete-nos então que ler muito é uma necessidade posta entre nós, pois é através da leitura que adquirimos novos conhecimentos, desafiamos a nossa imaginação e descobrimos o prazer de pensar e sonhar. Ao passo que vou insistindo nesse capítulo sobre a importância do incentivo a leitura aos alunos, logo nos anos iniciais do ensino fundamental, também me pergunto se os educadores estão incentivando o ato de ler nos educandos com vistas a propiciar o deleite advindo da leitura ou apenas para cumprir a formalidade de alfabetizar? Pois o que vemos são muitas crianças que chegam ao segundo ano do ensino fundamental lendo, mas que não sabem o que estão lendo e nem o que a leitura significa. Como corrobora Cagliari,

A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma (2001, p. 180).

Cabe ao professor dar significado ao papel dos livros, da leitura, da escrita, mostrando à importância dos mesmos na construção da cidadania de cada um, ao mesmo tempo, que se traz para o contexto escolar a realidade social em que cada aluno está inserido. É muito importante também que a criança viva em um ambiente familiar letrado. O adulto que participa da vida da criança tem papel fundamental no aprendizado da leitura e da escrita, por isso é importante que sejam modelos de leitura para que desde cedo a leitura faça parte da vida da criança.

Ninguém começa a ser educador numa terça-feira às quatro da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma educador, permanente, na prática e na reflexão sobre a prática (FREIRE, 1991, p.32).

Cada criança tem um modo particular de falar, por isso é fundamental que a mesma seja ensinada a ler no seu próprio dialeto, cada uma também tem seu próprio ritmo, sendo assim elas precisam de tempo e incentivo para se tornar bons leitores e conseqüentemente bons escritores, pois também precisam de tempo para decifrar a escrita, tudo dentro de seu ritmo. O que afirma os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs)

A escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma ‘certa’ de falar- a que se parece com a escrita- e o de que a escrita é o espelho da fala- e, sendo assim, seria preciso ‘consertar’ a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produzam uma prática de mutilação cultural, (BRASIL, 2001, p. 31).

O incentivo a leitura, ainda, é uma das maiores dificuldades para os professores e para escola, e ainda precisa rever as condições em que a leitura está sendo posta aos alunos. Vale salientar que muitos são os motivos que rodeiam a formação de bons leitores, como por exemplo, a postura docente do referente à leitura e ao ambiente, o incentivo por parte do professor, as condições cognitivas das crianças entre outros.

Para que a prática da leitura se desenvolva de forma eficiente nas crianças é imprescindível entender que para formar leitores é necessário que se crie ao redor deles um ambiente estimulante, agradável e que desperte a sensibilidade do mesmo para necessidade de ler. Além disso, a postura do professor frente ao livro é fundamental para a formação do hábito de ler na criança. O jeito o qual o educador apresenta o livro é essencial, pois se o educador não é apreciador da leitura, pode acabar desestimulando o aluno a boa prática da mesma. Uma prática intensa de leitura na escola é, sobretudo, necessária, pois ler ensina a ler e a escrever.

Na escola além da postura de um profissional consciente frente aos livros é necessário que também haja espaços organizados para leitura, até mesmo o modo que os livros são dispostos nas prateleiras é fator estimulante no despertar do interesse da leitura nas crianças, o acesso também deve ser fácil e o acervo sempre atualizado, visando assim o bom desempenho da leitura dos educandos. É importante que sejam organizados momentos de leitura livre em que o professor também leia, porque é de suma importância a presença de professores leitores, pois se o mesmo não se preocupa em ler para o seu próprio desenvolvimento, social, cultural e profissional, também não será possível que o mesmo, forme alunos leitores que lêem e que entendem o que estão lendo.

Um ambiente favorável à leitura torna-se um veículo facilitador da aprendizagem o que remete a criança autonomia diante do conhecimento adquirido através da leitura e da escrita.

2.4 A importância e o desenvolvimento da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Leitura e escrita são atividades que fazem parte do processo comunicativo entre o autor e o leitor, dessa forma o desenvolvimento da escrita está intimamente ligado à leitura.

O papel da escrita desempenha diferentes funções na sociedade uma vez que através dela podemos dar opiniões, informar, nos comunicarmos, entre outros, pois vivemos em uma sociedade letrada, na qual viver a escrita faz parte do cotidiano, por isso a mesma não pode ser tratada como uma atividade puramente escolar.

No contexto escolar, podemos dizer que no processo de alfabetização além da criança viver uma contínua descoberta e interiorização do universo da língua escrita, deve também atuar como sujeito do processo de aquisição da mesma.

Dessa forma é importante que o professor crie ações que possam estimular a criança a ler e a produzir sobre o que ler. As atividades devem ser prazerosas onde a criança também possa interagir como o meio e com os outros.

Sabe-se que a escrita é uma grande preocupação para os pais e para os professores. É comum vermos os pais observarem as atividades dos filhos onde a primeira preocupação é a de corrigir os erros ortográficos sem muitas vezes sequer parar para analisar se a criança está dando ou não sentido ao que escreve, se está refletindo, formulando hipóteses, pois é construindo o próprio saber que a criança irá ler e entender o mundo. Nesse sentido, Ferreiro assegura que:

Os dois polos do processo de aprendizagem (quem ensina e quem aprende) têm sido caracterizados sem que se leve em conta o terceiro elemento da relação: a natureza do objeto de conhecimento envolvendo esta aprendizagem (1991, p. 9).

No processo de aquisição da leitura é de fundamental importância que haja entre as crianças troca de informações, participação, interação, pois é necessário um confronto de diferentes hipóteses e pontos de vista, e é através dessa interação que o desenvolvimento da escrita vai acontecendo ocorrendo sem maiores dificuldades.

Na sala de aula sob tutela do professor a criança gradualmente no desempenho de suas atividades regulares vai interagindo com o mundo da escrita e passa a refletir sobre a organização do nosso sistema de escrita. Emília Ferreiro e Teberosky (1999) mostram que nessa fase os degraus que a criança vai subindo para chegar nessa construção do conhecimento da leitura e da escrita através das etapas abaixo:

Nível pré-silábico: Não há ainda, nessa fase, a descoberta de que a escrita de sua língua tem uma relação arbitrária com os objetos que ela representa: Nessa fase a criança ainda não alcançou a fase fonográfica.

Nível Silábico Alfabético: É uma análise sonora da linguagem que leva a criança a descobrir a sílaba. A correspondência qualitativa se adquire a partir da aprendizagem dos valores sonoros convencionais.

Nível alfabético: com correspondência sonora do tipo fonético e com valor sonoro convencional.

No processo de aquisição da leitura e da escrita, em algum momento torna-se variável de indivíduo para indivíduo, e que muitos professores denominam de “estalo”, porém o que vemos está relacionado às etapas citadas e que Ferreiro e Teberosky (1999) identificam como “fonetização da escrita”.

As crianças precisam viver na sala de aula situações de reflexão explícitas sobre as palavras, que lhes permitam responder as duas questões enigmas envolvidas no objeto de conhecimento que é o sistema de escrita alfabética, o que a escrita representa e como a escrita cria essas representações.

Entende-se que nas etapas iniciais a escola tem a função de ajudar o aprendiz a se apropriar da escrita alfabética e automatizar seu uso. Defende-se que ao assumirmos essa tarefa particular não deixemos o aluno viver sozinho seus esforços de entender, muito pelo contrário, não vemos nenhum mal em ajudá-lo a pensar nos sons das palavras a fim de desvendar esse enigma.

No processo de construção da escrita, a criança passa por esses processos e vai gradativamente evoluindo, aprendendo através da escrita a associar os sons. É nessa perspectiva que Ferreiro afirma:

É preciso mudar os pontos por onde nós fazemos passar o eixo central das nossas discussões. Temos uma imagem empobrecida da língua escrita: é preciso reintroduzir, quando consideramos a alfabetização, a escrita como sistema de representação da linguagem. Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende: reduzimos a um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega um instrumento para marcar e um aparelho fonador que emite sons. Atrás disso há um sujeito cognoscente, alguém que pensa, que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu. (1991, p. 41).

Para que a criança evolua significativamente nesse processo de elaboração do conhecimento da leitura/escrita chegando ao patamar desejado, faz-se necessário que o educador organize situações de aprendizagens procurando sistematizar, adequar métodos a cada dia para “trabalhar com palavras”, refletindo sobre elas, montá-las e desmontá-las; noutros momentos, também a cada dia, precisamos praticar a leitura e a escrita dos textos reais que sirvam de subsídio, para que a criança passe de forma satisfatória por todos os níveis até chegar ao ortográfico desempenhando bem a leitura e a escrita. Também é fundamental que seja considerado o conhecimento de mundo que a criança traz consigo desde os primeiros anos de vida. O educador precisa ter consciência de que a criança não é uma página em branco, que ela já carrega aprendizados que estão com elas desde os primeiros contatos com a mãe, a chamada língua materna, e que esses conhecimentos precisam ser articulados como o nível de alfabetização o qual o aluno está sendo inserido no contexto escolar. Nesse sentido, Ferreiro (1991 p. 102) afirma que: “Antes que a escrita apareça como uma tarefa escolar iniludível, antes que a criança seja iniciada nos rituais da alfabetização, a escrita existe”.

Para que a escrita ganhe sentido para a criança ela precisa ser atrelada ao seu cotidiano, pois ela (a escrita) é parte do seu dia a dia, demonstrando assim que a criança começa a construí-la além dos muros da escola, precisando então ser entendida como um processo cultural pertencente à vida do ser humano.

2.5 Os caminhos da leitura e da escrita

Ler e escrever são bases fundamentais na alfabetização. São caminhos que levam a criança a ampliar os limites do seu próprio conhecimento, toda via como já foi dito anteriormente o ato de ler e escrever não podem ser impostos a criança de forma autoritária, mecânica e obrigatória. A criança tem que sentir prazer no que faz, pois, do contrário dificilmente o fará.

Podemos dizer que a leitura tem muitas faces, uma vez que nos leva a trilhar diversos caminhos que vão desde obter informações sejam simples ou complexas ou até mesmo em busca de diversão ou descontração onde se procura chegar ao prazer da leitura de um texto. Ao passo que proporciona prazer nos remete a um trabalho intelectual que nos adapta chegar a diferentes níveis de pensamentos, ao mesmo tempo, que trazemos para a leitura nossas experiências prévias de mundo.

O mundo da leitura vai além do simples ato da junção das letras ou da decodificação de imagens, ela nos oferece participação na sociedade, como seres autônomos conscientes e capazes de levar nossas experiências de leituras e intervir na sociedade de forma crítica, reflexiva, levando nossas indagações e modificando assim o contexto social no qual estamos inseridos.

A leitura constante nos leva ao crescimento individual e progressivo, tornando-se então um poderoso instrumento nas mãos daqueles que a detém, descobrindo os prazeres que se podem experimentar quando o aprendizado do sistema de escrita é vivido como um meio para, autonomamente exercer a leitura e a escrita dos cidadãos letrados.

A escrita assim como a leitura também proporciona ao sujeito a construção do conhecimento, segundo Cagliari, “A escrita seja qual for tem como objetivo primeiro, permitir a leitura. A leitura é uma interpretação da escrita, que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala”. (2001, p. 103).

O autor enfatiza que a escrita é um instrumento oriundo da leitura, já que a leitura é a base para o desenvolvimento do mundo da escrita, pois sabemos que quem ler muito, escreve muito bem.

É por meio da escrita que o homem deixou e tem deixado sua marca na história da humanidade, os fatos históricos relatados pelo homem ao longo dos anos contribuem com a nossa evolução na sociedade do conhecimento, pois, se não fosse pela necessidade do homem se comunicar e se expressar, o acervo histórico da humanidade, toda evolução do homem foi registrada por meio da escrita, certamente muitos fatos da história para nós haveriam se perdido. Nesse aspecto, é certo dizer que a escrita também está atrelada as relações de poder, uma vez que através dela podemos expressar o que achamos errado, as desigualdades sociais, escandalizar o que é proibido e dessa forma nos posicionarmos na sociedade como seres capazes de mudar aquilo que nos aprisiona.

Numa sociedade onde exige de nós um conhecimento cada vez mais amplo, cabe à escola o papel de ensinar a criança a ler e escrever com competência, visando não o aprendizado mecânico e sim o aprendizado que torna o educando um ser crítico e reflexivo, sistematizando

o aprendizado que o mesmo já traz consigo e este aprendizado deve ser apropriado e sistematizado na sala de aula, proporcionando assim a criança uma gama de alternativas de atuação para viverem melhor em sociedade. É nesse sentido que os PCN vêm corroborar com o discurso quando afirma:

Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidade pessoal que podem estar relacionada a ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informações ao exercício da reflexão. De modo geral, os textos são produzidos, lidos e ouvidos em razão de finalidade desse tipo. (BRASIL, 2001, p. 32).

Cabe, portanto, à escola efetivar o acesso do aluno ao mundo da leitura e, por conseguinte ao mundo da escrita, através de atividade prazerosas, trazendo para si as demandas textuais que são oferecidas fora da escola e que está a serviço do conhecimento do aluno e assim poder expandir o seu letramento.

CAPITULO III – CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO DA APRENDIZAGEM: CARACTERIZAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE FRENTE À LEITURA E A ESCRITA DOS EDUCANDOS

3.1 Vivenciando a leitura e a escrita na sala de aula

O processo de ensinar e aprender estão interligados e permite ao aluno se relacionar com os aspectos presentes em sua vida, sejam eles pessoais, sociais, culturais, mobilizando assim sua capacidade cognitiva e emocional que os mesmos já trazem consigo para novas possibilidades de reconstrução do conhecimento.

Nesse sentido, recorreremos aos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa quando estes afirmam que:

O envolvimento do aluno no processo de aprendizagem deve propiciar o encontro do sentido e funcionalidade naquilo que constitui o foco dos estudos em cada situação de sala de aula. De igual maneira, propiciar a observação e a interpretação dos aspectos da natureza, sociais e humanas, instigando a curiosidade para compreender as relações entre os fatores que podem intervir nos fenômenos e no desenvolvimento humano. (BRASIL, 1998, p. 149).

Este fato demonstra a necessidade de trabalhar com o desenvolvimento de competências e habilidades, competências estas que vão se desenvolvendo por meio de ações de vários níveis de reflexão e agrupam conceitos e estratégias como também incluem dinâmicas de trabalho dando ênfase a resolução de problemas emergentes no contexto ou no desenvolvimento de projetos.

No entanto, sabemos que grandes são os esforços existentes para melhorar ainda mais a questão da leitura, porém é necessário que também sejam criadas alternativas oportunizando possíveis reflexões sobre o trabalho realizado na comunicação oral e escrita das mais diversas áreas do conhecimento.

Portanto, fica claro que a escolha de recursos didáticos para o desenvolvimento do processo de aprendizagem das crianças é fundamental e esses recursos interligados com outros procedimentos devem viabilizar e enriquecer a forma como se conduz uma atividade, seja ela individual ou coletiva. Esse processo tem o objetivo de atuar como

facilitador no qual as crianças possam desenvolver seus próprios esquemas cognitivos na organização do processo de aprendizagem.

Sabe-se, portanto, que os procedimentos estão relacionados ao domínio do uso de instrumentos de trabalho, à medida que esses procedimentos vão sendo aplicados com foco na autonomia da criança possibilitam a construção do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades. A aplicação desses procedimentos favorecem ao aluno a construção de seus próprios instrumentos que os ajudarão na otimização dos resultados de sua aprendizagem, como também nos caminhos que foram trilhados para construí-las e efetivá-las. Alguns exemplos desses procedimentos são: realização de pesquisas, elaboração de sínteses, produções textuais, resolução de problemas, entre outros. A escola cria normas padronizadas da escrita pressupondo que, a partir do momento que o aluno adentra no seu universo letrado, tem o dever de escrever conforme regem as regras cultas da língua, mas o processo não é tão simples assim, e o professor necessita levar todos os fatores em consideração.

A leitura parte de um processo que também se desenvolve de forma gradual, é um hábito a ser adquirido e deve ser fonte de prazer e não apresentada de forma obrigatória através de imposição ou cercada de castigo e ameaças. Ler é um hábito a ser desenvolvido e, como todo o hábito, só se instala se for realizado muitas vezes.

Dessa feita é possível perceber se de fato, a escola cumpre com seu papel em estimular e proporcionar situações que priorizem a leitura e a escrita. Em observações realizadas na Escola Municipal Sinhá Gadelha que fica localizada na Rua Adilmar de Paiva Gadelha- Bairro André Gadelha, Sousa-PB, região periférica da cidade e que atende a alunos de baixa renda econômica, bem como de aprendizagem, leitura e escrita deficiente. Observei turmas de primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental, o que se percebe é que a leitura é tida como algo obrigatório sem nenhum efeito de causar uma aprendizagem significativa que vá além da sala de aula. Deparei-me com realidades diversas e assustadoras. As turmas do 1º e 2º anos não sabem ler e nem escrever e as professoras propiciam aos mesmos, atividades pouco estimulantes e atrativas relacionadas à leitura e a escrita,

Na sala de primeiro ano é recontada a história de Chapeuzinho Vermelho em cd, sem qualquer interferência da professora. Em seguida pede-se que o aluno reproduza a história produzindo através da escrita e em seguida desenhando. (DIÁRIO DE CAMPO 18/02/2013).

Como um aluno que não sabe ler produzirá um texto sem ter o domínio da leitura? Neste processo de aprendizagem de leitura e da escrita, o professor tem o dever de atuar, antes de tudo, como um leitor. O professor funciona como um mediador facilitando o desenvolvimento, desde cedo, dos gestos de leitura e escrita da criança, que principalmente nas séries iniciais, apresentam-se de forma bastante informal e criativa.

O mesmo quadro se repete na sala de 2º ano quando a professora, “distribui pequenos textos e vai tomando a leitura e fazendo anotações sem qualquer atribuição ou incentivo ao ato de ler de forma significativa”. (DIÁRIO DE CAMPO 18/02/2013).

Os alunos conhecem pouco a leitura, ou seja, lêem palavras simples e se inibem em fazê-la por ser esse momento um ato obrigatório.

Diante disso, é viável que o aluno tenha conhecimento da importância daquilo que vai aprender, tornar-se consciente e motivado para a aprendizagem da leitura, levando-a para uma prática inserida no seu dia a dia com diferentes modalidades no ensino da leitura.

O quadro da leitura se modifica um pouco quando passamos para a sala do 3º ano, no qual o professor diverge dos observados anteriormente, amenizando as dificuldades das crianças, “interagindo e explicando as palavras desconhecidas, realizando discussões acerca do texto incentivando as crianças a terem interesse pela leitura mesmo que de forma sucinta”. (DIÁRIO DE CAMPO 19/02/2013).

É preciso que a escola ofereça condições para que os alunos construam aprendizagens na leitura, além de conquistar o aluno de forma prazerosa, para desenvolver o hábito de ler utilizando seus recursos e baseando-se num planejamento que atenda não só os alunos bem sucedidos, mas que dê maior ênfase aos que demonstram dificuldades leitoras, despertando para superá-las, transformando-as em facilidade, assegurando-as na apropriação da leitura.

O ato de apropriar-se da leitura de forma significativa não me foi perceptivo na sala do 4º ano quando,

Cada aluno ler um parágrafo do texto e foi realizada a interpretação oral de maneira rápida para não tomar muito tempo da aula, mais uma vez deixando a leitura como algo sem muita importância. (DIÁRIO DE CAMPO 19/02/2013).

Assim, o ato de ler é função primordial da escola, e é a escola que possibilitará ao educando a ler o mundo e a construir a sua própria história, desenvolvendo o senso crítico

diante do que foi lido, relacionando com a realidade. Será que desta maneira a escola atinge seu papel na construção da leitura e da escrita? O professor como mediador da leitura dentro da escola incentiva os alunos a praticá-la?

A escola deve oferecer condições para que as interações leitoras aconteçam de forma significativa onde os alunos não tenham tanta resistência em executá-las, como foi observado na sala de 5º ano, pois acontece uma leitura,

Para saber o teor do texto, a oralidade, escrita são usadas basicamente às mesmas perguntas, previsíveis e sequenciais vividas nos anos anteriores, sem levar o aluno a criticar acerca do texto de forma consciente. (DIÁRIO DE CAMPO 20/02/2013).

Percebemos que a leitura como obrigatoriedade é algo permanente na escola observada. Isso ocorrerá nas demais escolas públicas? Tem os professores consciência de seus papéis como formadores de bons leitores?

Quando a leitura envolve compreensão, ler torna-se um instrumento útil para aprender significativamente, corroborando com Solé quando ressalta que,

Aprender a ler não é muito diferente de aprender outros procedimentos ou conceitos. Exige que a criança possa dar sentido àquilo que se pede que ela faça, que disponha de instrumentos cognitivos para fazê-lo e que tenha ao seu alcance a ajuda da insubstituível do seu professor, que pode transformar em um desafio apaixonante o que para muitos é um caminho duro cheio de obstáculos. (1998, p.65).

Todas as salas observadas possuem uma mini biblioteca, porém a leitura não faz parte do cotidiano frequente dos alunos sem qualquer proximidade com os mesmos. Ela está lá apenas para deixar a sala mais organizada e/ou para aqueles que têm menos dificuldades e que terminam as atividades com rapidez ocuparem seu tempo folheando-os.

A biblioteca deverá ser explorada e assim incentivar e instigar a leitura proporcionando a curiosidade e construindo a reflexão acerca dos textos lidos. Ler vai além de decodificar palavras, sons ou frases. É um encontro com um universo cheio de surpresas e criatividade, desde que estimulada de maneira adequada por parte dos professores deixando de lado a leitura por obrigação e levando o aluno a ler com prazer.

Segundo os PCN de Língua Portuguesa, para que as dificuldades da leitura sejam superadas, a escola deve:

Dispor de uma boa biblioteca, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura; organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia. Para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura [...] participem e conheçam o valor que o possuem, despertando o desejo de ler (BRASIL, 1998, p. 48).

Cabe à escola oferecer condições para que os alunos construam aprendizagens na leitura, além de conquistar as crianças de forma prazerosa, para que assim desenvolvam o hábito de ler. A leitura oferece a matéria prima para a escrita, contribuindo para a construção de modelos relacionados às formas de escrita.

Segundo os PCN de Língua Portuguesa os professores são molas mestras quanto ao ato de ler quando afirmam,

O papel do professor nesse processo é, portanto, crucial, pois a ele cabe apresentar os conteúdos e atividades de aprendizagem de forma que os alunos compreendam o porquê e o para que do que aprendem e, assim, desenvolvam expectativas positivas em relação à aprendizagem e sintam-se motivados para o trabalho escolar. (BRASIL, 1998, p. 69).

Portanto, a leitura é um processo que envolve uma série de estratégias e que, nesse processo, a pessoa vai enriquecendo o seu vocabulário para ter um melhor desempenho social da linguagem. Mas para que a aprendizagem aconteça, é preciso ter vontade e desejo para buscar, descobrir e aperfeiçoar-se, entender a essência do aprender por parte da maioria dos professores que constituem a educação brasileira.

Mesmo diante de tantas estratégias que nos remete a construção de bons leitores, é perceptível que os professores estejam equivocados quando transferem para os alunos as responsabilidades das dificuldades leitoras afirmando ser: “Falta de interesse, maturidade, incompreensão, dicção, concentração, falta de leitura diária”. (Sara, entrevista em 04/03/2013). Ou ainda, “Na verdade a maior dificuldade e a própria falta de interesse do próprio aluno pela leitura”. (Ludimila, entrevistada em 04/03/2013).

Será de fato que todas as dificuldades de leitura são provenientes da falta de interesse dos alunos? A quem cabe motivar esse interesse e superar as dificuldades? São indagações que ficam martelando a todo tempo em nós. Questões essas que terão várias respostas, mas que não nos convencerá de que tudo está perdido.

Em outra afirmação percebemos que nem todos os professores deixam a cargo dos alunos as dificuldades de leitura quando afirmam que é necessário, “despertar o interesse

pelos diversos tipos de textos e que esse interesse ultrapasse os portões da escola é uma das grandes dificuldades, se não a maior”. (Clara, entrevista em 04/03/2013).

Com essa afirmação percebemos a necessidade do professor reconhecer e jamais esquecer o seu papel de facilitador da aprendizagem mediante aos discentes. No papel da docência os meios didáticos se desenvolvem em reciprocidade a ação conjunta dos elementos tais como: ensino, aprendizagem, objetivos, conteúdos, meios, formas e métodos de organização. Mas será que de fato nossos professores utilizam os meios adequados para a verdadeira aquisição da leitura? O que pensam ou sabem e como definem a leitura? As definições atendem ao processo de apropriação da leitura em sala de aula? O que percebemos é que a teoria em sua maioria difere da prática quando esses definem a leitura como:

É muito mais que a capacidade mecânica de deduzir códigos, é um instrumento que possibilita as pessoas a desenvolverem a imaginação, a criatividade, e que permitem enriquecer nosso vocabulário, bem como aumentar nosso conhecimento através das informações recebidas. (Clara, 04/03/2013).

Como pode a leitura na sala demonstrar tanta deficiência se nossos professores conceituam de forma esplendorosa a leitura? Estão eles levando em consideração todos os requisitos que a leitura exige? Parece incrível, mas indagações têm muitas e a elas daremos várias respostas sem conseguirmos entender o porquê que as dificuldades se perpetuam. Quando se é para expressar em teoria, todos demonstram estarem cumprindo o que é devido para se formar bons leitores. E na prática?

Portanto, é preciso que seja revista à necessidade de um método de trabalho que ajude a superar a apreensão corriqueira, imediata de realidade e permita vê-la interferir e, do contrário, toda teoria pedagógica será improdutivo se não tornar-se visível na prática e o livro didático pode ser o grande norteador nesse processo.

Pode-se dizer então que a teoria e prática andam juntas e essa prática deve ser atrelada ao trabalho de ligar professores-aluno e metodologia, considerando uma relação de organizações de ensino e de domínio da avaliação e da aprendizagem.

Outro ponto que nos deixa desconcertados com relação à leitura é quando os professores apontam melhorias à prática docente mencionando algumas soluções como: “Fazer parceria com a família, realizando grupos de estudos para desenvolver propostas de leitura”. (Sara,04/03/2013)

Como poderá ser possível parcerias se a maioria dos pais são analfabetos? Será que seus filhos não estão indo à escola apenas para ter direito à bolsa família? Sabemos que a família também contribui para a aquisição da leitura, porém é necessário que esta seja amante do hábito de ler, caso contrário ficará a escola responsável por todo o trabalho de incentivar a leitura.

Outro ponto que nos estarrece é quando o professor menciona, “Acho que a leitura tem que ser vista com outros olhos pelo aluno, nós professores precisamos descobrir novas metodologias para despertar a leitura em nosso alunado”. (Ludimila, 04/03/2013).

Mediante a tantas inovações no campo da leitura e da escrita ainda encontramos professores desatualizados e que buscam descobrir novas metodologias de leitura e escrita quando muitas estão ao nosso alcance.

É preocupante quando nos deparamos com essa afirmação. O aluno que deverá ver a leitura com outros olhos? Como isso acontecerá se o professor ainda não a viu com outros olhos? Descobrir metodologias? Quantas estão ao nosso dispor? Basta que de fato o professor saia da sua zona de conforto e enfrente vários obstáculos desafiando-os e resolvendo e/ou sanando as dificuldades leitoras e de escrita de maneira que se perceba de fato que o professor é o herói da história.

É importante que o professor procure criar em sala de aula um circuito de leitura: lendo, contando histórias, estimulando a troca de livros, reservando um tempo para ler em sala, abrindo espaço para a escolha pelo aluno, do que ele quer ler propondo textos correlacionados aos interesses do grupo, dramatização de livros. Enfim criar inúmeras opções de inserção ao mundo da leitura, uma prática interdisciplinar e intertextual são meios essenciais e significativos para a formação de um bom leitor.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa afirmam que:

Para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos, testemunhar a utilização que os leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato; é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda de leitores experientes. (BRASIL, 1998, p. 56).

É necessário que a escola entenda que pra ser formar bons leitores e consequentemente escritores, precisa ser criado em volta da criança um ambiente favorável e estimulante, para que a leitura aconteça de forma agradável e prazerosa um ambiente onde o aluno se sensibilize pela vontade de ler, um espaço no qual o leitor queira

permanecer nele e possa desfrutar o que há de melhor, um ambiente onde a criança sinta prazer de estar, tornar-se um veículo facilitador da aprendizagem, no qual o leitor terá autonomia diante de seu conhecimento.

3.2 A aprendizagem da leitura e da escrita

A construção da leitura e da escrita pode ser avaliada como estruturas indispensáveis ao processo de ensino aprendizagem que vai desde os anos iniciais até os vários ciclos que o aluno passa durante o período escolar e de toda vida acadêmica, e igualmente também podemos analisá-las como poderosos instrumentos de formação política e cidadã.

Índices de analfabetismo no Brasil, ainda são bastante elevados o que é contraditório ao enfatizarmos que o ensino do português no nosso país tenha sido voltado para a prática da escrita como aborda Cagliari (2001, p.96), “[...] a se preocupar mais com a aparência da escrita do que com o que ela realmente faz e representa”. Este fato demonstra apenas o valor social que vem sendo atribuído à escrita, onde ler e escrever parecem ser pré-requisito para pessoa inteligente, influente e poderosa. Porém, essa valorização não se conjectura no incentivo a leitura por parte das políticas públicas, ao contrário, está cansada de saber que os poderosos sempre fizeram questão de manter o povo em situação de ignorância como forma de eternizar a exploração e a dominação e por isso usa a escola para este fim oferecendo materiais empobrecidos.

No âmbito escolar essas contradições não são diferentes, já que o valor que a escrita tem ainda parece ser bem maior que o da própria leitura. Afirma Cagliari (2001, p. 108) que “A escola ensina a escrever sem ensinar o que é escrever, quais são as regras do jogo”. Isso implica que quase ninguém está preocupado com a formatação das cartilhas ou em dar sentido ao que se está escrevendo, o centro da preocupação é saber se o aluno está escrevendo é o que se pode ver em grande parte das escolas públicas.

Por muito tempo a escola adotou a caligrafia, mas está é outra questão, a preocupação aqui é tratar de fato que ler implica necessariamente em escrever, “[...] a escola é talvez o único lugar onde se escreva muitas vezes sem motivo”. (Cagliari, 2001, p.101). Sobretudo sabemos que existe uma parcela da população desfavorecida, onde a prática social da escrita torna-se quase inexistente, pois geralmente nesse âmbito não há incentivo por parte da família, ou dos locais nos quais se convive, o que faz da leitura para essas pessoas um ato inútil, de perda de tempo já que não há referencial para elas.

Diferentemente de quem cresce em um ambiente incentivador da leitura e da escrita. Parece então, que estes hábitos são desenvolvidos quase automaticamente, pois aí há todo um referencial pondo a criança a se espelhar e se motivar. Como reforça Cagliari (2001, p. 102): “Ninguém escreve ou ler sem motivo ou sem motivação”.

Existem várias medidas que podem ser adotadas pelos professores para tentar superar as dificuldades de leitura e escrita enfrentada pelos alunos, a maior delas é o incentivo às práticas que enfatizem o ato de ler com prazer, não apenas mostrando isso nos livros didáticos, mas também levando o aluno a perceber que a leitura de jornais, revistas, folders e panfletos também podem ser prazerosas. Kleiman (2002) mostra que existem diversas formas de aproximar o leitor do texto, o que passa a determinar “diversos graus de engajamento cognitivo por parte do leitor”. Essas estratégias variam de acordo com o grau de aprendizado de cada um, mas ainda sim, mesmo o professor trabalhando com atividades diversificadas visando apenas o desenvolvimento do gosto pela leitura ainda não estará formando o leitor.

Somente quando se ensina ao aluno a perceber esse objeto que é o texto em toda sua beleza e complexidade, isto é, como ele está estruturado, como ele produz sentido, quantos significados podem ser aí sucessivamente revelados, ou seja, somente quando são mostrados aos alunos modos de se envolver com esse objeto, mobilizando os seus saberes, memórias, sentimentos para assim compreendê-lo, há ensino de leitura (KLEIMAN, 2002, p.28).

O aluno além de motivado a ler e a escrever, ele precisa também ser ensinado a dar significado ao que se ler e o que se escreve, a compreender o que está lendo, dando sentido à leitura e a escrita, pois as mesmas envolvem basicamente a interação entre o leitor e o texto.

No ambiente escolar, cabe ao professor intermediar esta relação, tornando-a o mais concreta possível. Facilitando a relação entre o aluno e os livros, levando em consideração que tanto os conhecimentos prévios como o material escrito são importantes para que o aluno chegue à compreensão do texto.

A aprendizagem da leitura e da escrita se torna para a maioria das crianças enfadonha e mecânica, tendo pouca correlação com suas reais necessidades de comunicação. Assim, conhecendo o desenvolvimento do processo de aquisição da língua escrita pela criança, e ciente de que o aprendizado é um modo particular de construção de conhecimentos em uma situação que envolve uma interação intencional externa, o

professor pode organizar situações que favoreçam a aquisição da leitura e da escrita. E esta prática deverá ser prolongada por toda a fase inicial da vida escolar da criança. Tentaremos mostrar e questionar algumas dificuldades enfrentadas pelas crianças quanto ao uso da leitura e da escrita no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV – IDENTIFICAR AS DIFICULDADES QUE OS ALUNOS SENTEM EM RELAÇÃO À LEITURA E A ESCRITA

4.1 Dificuldades de leitura e escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental

As crianças aprendem a ler participando de atividades de uso da escrita junto com pessoas que dominam esse conhecimento. Aprendem a ler quando acham que podem fazer isso. É difícil uma criança aprender a ler quando se espera dela o fracasso. É difícil também a criança aprender a ler se ela não achar finalidade na leitura.

O primeiro objetivo da escrita seria permitir a leitura, a tradução dos símbolos representativos em fala. Muitos casos da escrita são representados por símbolos a serem decifrados porque está habilitado a tal. Como exemplo, podemos citar as placas de trânsito que tem um significado intrínseco que ajuda na decodificação. Esse caso trata-se explicitamente de escrita fundamentada em significado que não exige uma relação direta com o valor sonoro, mas sim com a semântica da mensagem e é por isso que esses sinais podem ser usados até mesmo fora do nosso país. Cagliari (2001, p.104) enfatiza que: “[...] este tipo de escrita se baseia só no significado e não no significante dos signos linguísticos”. Em contradição à escrita também pode representar o significante sem ter nenhuma relação com o significado, como, por exemplo, estamos transcrevendo alguma palavra ou texto de uma língua desconhecida. Pode-se perceber que nos dois casos apesar da escrita permitir uma leitura, não há mais aí o signo linguístico completo, mas apenas parte dele, ou seja, o significante ou o significado. Vale destacar que um desenho para ser um tipo de escrita precisa ter um objetivo definido fornecendo informações suficientes para tradução de que está lendo, pois se não for atribuído um significado ao mesmo, ele não fará parte de um sistema de escrita. Cagliari (2001, p.104) menciona: “[...] ler é condicionado pela escrita”. Quando alguém ler o desenho colocado numa placa de trânsito, por exemplo, interpretando-o e relacionando-o com os procedimentos da fala, às formas gráficas, ele pode ser considerado escrito. Quem interpreta, não o faz “[...] pelo puro prazer de fazê-lo, mas para realizar algo que a escrita indica” (CAGLIARI, 2001, p.105).

Ler não significa apenas traduzir símbolos, mas implica em dar significados a leitura de maneira propositada, enquanto decifrar torna-se apenas um aspecto mecânico do seu funcionamento.

Existe uma temática que diz que leitor é aquele que aprendeu a ler de forma mecânica, dominando os símbolos linguísticos escritos. Porém, se faz necessário lembrar

que desde antes da vida escolar a criança já consegue ler o mundo a sua volta interagindo e acumulando informações dos mais variados tipos, Hercílio Quevedo (2002, p. 70) deixa isso claro quando diz que: “[...] o conhecimento prévio do mundo, mesmo que fragmentado, constitui-se num dos pressupostos básicos ao processo de leitura”. O texto é o ponto de partida para a leitura, porém, as compreensões necessárias para o sentido do mesmo não reside em si próprio, pois o leitor vai dando sentido ao texto quando interage mediante seus conhecimentos linguísticos e o conhecimento prévio de mundo que traz consigo.

Deste modo, ler é sempre um ato interativo e criativo através dos quais a criança vai descobrindo novas realidades e encontrando maneiras de relacioná-las entre si de acordo com o contexto. As escolas nesse sentido, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental deve buscar trabalhar vários tipos de texto com as crianças, desde os apresentados nos livros até os mais complexos (jornais, revistas e também os literários). Cagliari comenta que a leitura é tão importante que:

Se um aluno não se sair muito bem nas outras atividades, mas for bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa, se, porém, outro aluno tiver notas excelentes em tudo, mas não se tornar um bom leitor sua formação será profundamente defeituosa e ele terá menos chance no futuro do que aquele que apesar das reprovações se tornou um bom leitor. (2001, p. 148).

Essa informação é analisada partindo do pressuposto de que a leitura é uma atividade fundamental para a escola no processo de formação do aluno. Muitos dos problemas que os alunos, geralmente, encontram em seu trajeto desde os anos iniciais na escola até sua trajetória acadêmica podem, inclusive, ser o resultado de deficiências ligadas à leitura apresentadas desde os anos iniciais do ensino fundamental. Neste sentido, “[...] tudo o que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura e depende dela para se manter e desenvolver” (CAGLIARI, 2001, p.149).

Para que se chegue ao entendimento do texto em um processo de leitura o leitor passa por algumas etapas, primeiro o leitor decodifica a escrita, depois compreende a linguagem até enfim conseguir refletir acerca do conteúdo que lhe foi transmitido. A partir daí ele começa a formar seu próprio entendimento interiorizando o que lhe foi repassado. Havendo falha em alguma parte desse processo, afetará de forma negativa o resultado

final, ou seja, não houve reciprocidade entre o significado e o significante. Por isso, existe diferença entre as pessoas na forma de produzir interpretações de textos.

As escolas, os professores, os pais, devem ensinar a criança a ler de maneira constante e sistemática, ampliando dessa forma as habilidades cognitivas e o intelecto. Considero a leitura da palavra uma das mais complicadas, pois é nela que se resumem todas as outras capacidades intrínsecas nos demais tipos de leitura. Sendo assim Quevedo (2002, p.81), conclui que: “tornar-se leitor e auxiliar na formação de novos leitores parece ser um compromisso de cidadania para quem acredita que ler não é apenas decodificar signos, mas um ato que pode mudar o rumo da(s) vida(s)”.

4.2. Como se forma leitores?

As deficiências encontradas que cercam a formação de leitores é uma realidade a ser analisada por isso faz-se necessário compreendermos como se conceitua o ato de ler.

A realidade aqui exposta diz respeito à qualidade e competência da leitura em nossas escolas merece uma visão diferente, aspirando à formação de leitores com capacidades diversas que são tão importantes e favoráveis para serem utilizadas no cotidiano de cada ser.

Lenner, enfatiza que:

O necessário é fazer da escola, uma comunidade de leitores que recorram aos textos buscando respostas para os problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informação para compreender melhor alguns aspectos do mundo que é objeto de suas preocupações, buscando argumentar para defender uma posição para qual estão comprometidos ou para rebater outra que considerem perigosa ou injusta, desejando conhecer outros modos de vida, identificar com outros autores e personagens ou se diferenciar deles, viver outras aventuras, inteirar-se de outras histórias, descobrir outras formas de utilizar a linguagem para criar novos sentidos. (2002, p. 17-18).

Percebo aí que a leitura é fundamental para inclusão e desempenho do sujeito que a adquire com competência, pois assim torna-se útil para que o mesmo aplique em seu contexto diário. Entretanto, ainda, é muito pobre o modelo de leitura e escrita que é repassado por nossas escolas, que contribui muito pouco para melhorar as realidades que ainda cerca parte dos nossos estudantes.

Ainda segundo Lenner,

É necessário fazer da escola um âmbito onde a leitura e a escrita sejam, práticas vivas e vitais onde ler e escrever sejam, instrumentos poderosos que permitam repensar o mundo e organizar o próprio pensamento onde, interpretar e produzir textos, sejam direitos que é legítimo exercer e responsabilidade que é necessária assumir. (2002, p. 18).

É preciso que as escolas tenham o objetivo de dimensionar e contribuir para a formação de leitores eficientes, pois o que a realidade nos mostra é que ainda precisam ser sanadas por parte das instituições de ensino, deficiências norteadoras do ensino de leitura nas escolas. Como se vê expressa por Saulo aluno do 4º ano:

A professora diz pra cada um ler uma parte do texto, às vezes a gente demora porque tem palavras complicadas e os outros ficam só olhando pra quem tá lendo, eu não gosto de ler quando tem gente olhando pra mim. (04/03/2013).

Em sala de aula alguns alunos têm dificuldades na leitura porque eles não conseguiram decifrar as letras, não organizam as ideias para pronunciar as palavras, pois não basta a simples articulação de sons da fala para que a pessoa entenda o que está sendo dito.

Nesse sentido Cagliari expressa que:

Nesse país, o aluno passa 8 anos na escola de 1º grau e 3 na de segundo, e pode passar mais quatro anos na faculdade, sem contar os anos de cursinho preparatórios e as reprovações...e, se um especialista em problemas relacionados a língua portuguesa fizer uma pesquisa, para ver o que esse aluno aprendeu em mais de uma década de estudos, sem dúvida ficará decepcionado. Então o que o aluno fez em todos esses anos de escola? Será que o ser humano precisa de tanto tempo para aprender tão pouco? O que está errado nesta história? (2001, p. 8).

É uma gama de fatores envolvidos quanto à aprendizagem, especificamente em se tratando de leitura, fator principal no âmbito escolar. Seria uma tarefa impossível resolver os problemas de forma imediata, mas refletindo, estudando, com o objetivo de capacitar os

alunos ao hábito da leitura para que assim possam além de ler, interpretar de forma consciente o que estão lendo é dever de todos os envolvidos no processo escolar, é possível, viável e provável que aconteça aos poucos e gradativamente.

Muitos são os envolvidos nesse processo ensino-aprendizagem da leitura, porém tantos ainda parecem atribuir essa tarefa ao professor de português, grande erro, pois é dever de todos os envolvidos das respectivas áreas do conhecimento em que atua para saber interpretar qualquer questão pertinente a qualquer outra disciplina é preciso saber ler e ler bem.

Aponta Soares,

Ler é um conjunto de habilidades, e comportamentos que se estendem desde simplesmente a decodificar sílabas ou palavras até ler GRANDE SERTÕES VEREDAS de Guimarães Rosa...Uma pessoa pode ser capaz de ler um bilhete, ou uma história em quadrinhos e não ser capaz de ler um romance, um editorial de jornal. Assim ler é m conjunto de habilidades, comportamentos, conhecimentos, que compõem um longo e complexo continuum, em que todo esse tempo uma pessoa deve estar pra ser considerada alfabetizada? No que se refere a leitura? A partir de que ponto desse continuum uma pessoa pode ser considerada letrada? (2006, p. 57).

É muito extenso o acervo de questões que se referem à leitura, por isso acima de tudo requer conhecimento e preparo de todos os envolvidos nesse processo direta ou indiretamente (escola, professores, alunos, pais, comunidade), pois como dizia Freire (2006, p. 15) “Ensinar a ler e escrever não é uma questão técnica é uma questão política.” Saber ler não é apenas técnica, junção de letras, sílabas até se formar palavras e frases vai além, é entender a função e a finalidade do que está escrito, para assim poder usá-la no seu dia a dia, não deixando o uso da mesma apenas para a escola, mas também colocá-la em toda sua vida.

Muitos são os questionamentos sobre alfabetização e letramento como enfatiza Kleiman,

O letramento nada mais é do que a preocupação com a inserção dos gêneros significativos que estão a tempo na vida do indivíduo. O professor é o principal articulador e mediador desse novo conceito, pois será ele quem decidirá sobre quais conceitos importantes transformará indivíduo e sociedade na qual está inserido. (2003, p. 4).

Não podemos deixar de perceber aqui como é valiosa a participação do professor, e se o trabalho for feito pensando no ensino além de apenas ensinar o aluno a ler sem dar sentido algum, e trilhado por todos para alcançar o mesmo objetivo como sendo formar

alunos leitores, pensantes, críticos e reflexivos será possível então alcançar o resultado esperado, pois com trabalho coletivo a mudança será a força necessária para o alcance dos objetivos. E se o professor tomar consciência de seu papel fundamental na construção de bons leitores usando estratégias variadas de leitura, depoimentos como esse serão escasso do cotidiano escolar:

Tem vez que não consigo entender as coisas que eu leio e a professora diz que preciso melhorar a leitura, que devo ler mais e ai me manda ler outra vez para melhorar a maneira de ler, por isso é que eu não gosto de ler. (Luan 5º ano).

Para o aluno obter boa leitura, é preciso que eles desenvolvam a vontade e o desejo de estudar buscando aperfeiçoar a leitura, já que esta contribui para o desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem dos educandos. Contudo, o processo na aprendizagem da leitura deverá ocorrer com a mediação do professor.

Além do que já foi aqui descrito, muitos outros fatores de ordem maior precisam ser visto com cautela, responsabilidade e competência, sabendo que ainda é preciso superar muitos desafios. Nesse quadro, que prevalece o sentido de que não se alcançou na escola leitores que leiam de modo expressivo e que demonstrando com clareza se já alcançou essa habilidade de forma competente e significativa. E um dos principais entraves é ver de fato que muitos professores exercem sua profissão de modo autoritário e tradicionalista refletindo uma formação precária de leitores.

4. 3. Ler sem escrever

Outra questão que não podemos esquecer é que o exercício de ler e escrever são atividades de alfabetização que deveriam acontecer respectivamente, mas o fato é que nas nossas escolas, geralmente se dá mais atenção à escrita que à leitura. Talvez a questão esteja ligada a estrutura de avaliação que é imposta, pois se torna mais fácil avaliar os avanços obtidos com o ensino da escrita do que em relação à leitura, pois a avaliação desta abrangeria uma gama maior e mais complexa de diferentes pontos de ordem cultural, subjetiva a ser analisada e ponderada. De qualquer forma, conforme ressalta o próprio Cagliari (2001, p.167), “[...] no mundo em que vivemos é muito mais importante ler do que escrever”.

Elucidando essa afirmação, podemos lembrar o fato que há muitas pessoas que vivem praticamente sem escrever, porém alfabetizadas, mas não sem ler, como nas grandes cidades onde há inúmeros analfabetos de escrita que conseguem ler, porque é necessário desenvolver mecanismos que lhes permitam identificar leituras necessárias a sua sobrevivência como exemplo ler placas de rua, letreiros de ônibus e metrô, números em cartazes, etiquetas e luminosos, do contrário não seria possível viver com o mínimo de cidadania nesses lugares. Partindo desse pressuposto, seria então, possível aprender a ler sem aprender a escrever, como é o caso de quando contamos histórias a uma criança, pode-se perceber que ela acompanha a leitura e aprende a decifrar os sons das letras nos mais variados contextos, apreendendo pequenos textos de cujo conteúdo tenha conhecimento prévio ou saiba através de conhecimento memorizado.

Tem palavras que consigo ler, têm outras que já vi tantas vezes que decorei e tem outras que só escrevo se a professora colocar no quadro. Ainda não sei ler muito bem, mas quando um texto é pra fazer a cópia só vou vendo as palavras e escrevendo sem ler nenhuma. (Ana 3º ano).

Os alunos em sua maioria não gostam de ler, pois tem grandes dificuldades de entenderem o que foi lido, sendo que se sentem constrangidos em lerem em voz alta porque na maioria das vezes erram as palavras e temem correções em público. Dessa feita, o que se tem na verdade são alunos sem nenhum incentivo concreto da leitura, tendo em vista que convivem com pais analfabetos e assim a leitura torna-se algo assustador acarretando sérios problemas na escrita. Os entrevistados não eram em sua maioria do tipo expressar suas angústias quanto à leitura e a escrita, porém pelo que observei sentem grande interesse em ler faltando-lhes estímulos necessários.

Estamos diante de um sério problema que de certa forma atinge e atingirá todos nós. As crianças relatam que quando sentem dificuldades na leitura e que esta remete à escrita, o professor diz que devem ler mais, serem mais interessados e em seguida faz com eles um treino ortográfico para treinarem o que mais tiveram dificuldades. Será que os professores estão de fato cumprindo seus papéis em mediar e facilitar uma leitura prazerosa a seus alunos? Ou será que nesses casos a leitura torna-se algo de punição aos que têm mais dificuldades? Será que mesmo as escolas não produzindo eixos que norteiem a leitura prazerosa o professor deverá cruzar os braços a essa realidade?

A escola deveria requerer meios de fomentar a leitura regular de revistas e periódicos de vários tipos, inclusive as fotonovelas e histórias em quadrinho, que podem não frequentar

as listas de referências da maioria absoluta dos mestres e professores das redes formais, mas com toda certeza, habitam as preferências de quase todas as turmas, desde o pré-escolar até a faculdade, em muitos casos. Propiciando o acesso a estas publicações, sobretudo àqueles alunos que não podem tê-las em casa, os professores estarão motivando-os para a leitura – e, conseqüentemente, para o exercício da escrita - mostrando que ler é importante enquanto prática social, independentemente, até de forma e conteúdo, cabendo aos professores serem os estimuladores desses meios para aprimorar e desafiar a leitura, pois assim a criança consegue aprender com mais facilidade quando apoiada pelo professor que a fará dispor de vários mecanismos e se entusiasmar pelo ato de ler tornando-o algo significativo.

Num tipo de sociedade tão marcada pela força do signo escrito, como a nossa, dominar a prática social da leitura é requisito básico de sobrevivência econômica, política e cultural, aí incluídas todas assim contáveis possibilidades abertas pelo acelerado processo de digitalização e convergência das mídias. Fenômeno que certamente levará a novas linguagens e novos arranjos cognitivos e políticos para as práticas da leitura e da escrita. Para a produção e distribuição da nossa riqueza (ou pobreza) intelectual, enfim:

Aprender a ler não é muito diferente de aprender outros procedimentos ou conceitos. Exige que a criança possa dar sentido àquilo que se pede que ela faça, que disponha de instrumentos cognitivos para fazê-los e que tenha ao seu alcance a ajuda insubstituível do seu professor, que pode transformar em um desafio apaixonante o que para muitos é um caminho duro e cheio de obstáculos. (SOLÉ, 1998, p. 65).

A leitura reflete-se de forma significativa na escrita da criança e/ou do adulto, na medida em que, ao ler, memorizamos as correspondências ortografias-som sem memorizar regras, e apreendemos também as exceções das mesmas, além de ampliarmos o vocabulário e o conhecimento das estruturas de diferentes textos, o que aumenta o repertório e reflete uma escrita melhor.

As práticas de leitura e escrita deverão ser valorizadas pela escola, que assimilará as questões que ocorrem no contexto social colaborando assim para a formação de um leitor crítico e para a própria transformação dessa escola, que ensinará a repensar a responsabilidade social a todos os que participam dela. Cabem as instituições escolares a responsabilidade de traçar um plano de trabalho, voltado para o desenvolvimento da leitura e da escrita, como pressuposto de formar leitores conscientes, capazes de interpretar, criar, estabelecer relações,

lançar-se ao mundo de forma crítica e criativa a fim de conquistar espaços, em uma sociedade marcada pela competitividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dificuldades de leitura e escrita vivenciadas na sala de aula é uma temática que requer extrema relevância, pois superar essas dificuldades que rodeiam o cotidiano da sala de aula irá sem dúvida facilitar no processo de ensino e aprendizagem.

As práticas de leitura e escrita devem ser valorizadas dentro da escola, para a formação de um leitor crítico capaz de transformar a realidade que o insere, bem como participar de forma efetiva da sociedade vigente garantindo assim seus direitos e deveres.

Procuramos, nesse trabalho, mostrar um breve histórico da leitura e da escrita, mostrando a origem da escrita de alguns povos antigos: gregos, sumérios, chineses, mas também tentamos comparar o sistema desses povos na antiguidade com o sistema de escrita atual; elencando, principalmente, as semelhanças.

Dessa forma, também relatamos acerca da origem da leitura, traçando a leitura em Portugal e depois mostrando como era praticada no Brasil e quem poderia praticá-la. Sendo assim, busquemos compreender como a leitura e escrita funcionam nas salas de aula e as complexidades das atividades que as envolvem, a forma como estão organizadas e o que leva em muitos casos o desestímulo dos alunos, pois muitas vezes o ato de ler e escrever foge de suas realidades levando-os a fracassar em sua aprendizagem e, conseqüentemente, evadir-se da escola.

Portanto, para superar as dificuldades de leitura e escrita é preciso o apoio de um mediador que ofereça métodos para chegar a uma compreensão, e é aí que entra o professor com relevância em superar as dificuldades vividas no cotidiano escolar.

Comprendemos que a realidade é dura na Escola Municipal de Ensino Fundamental Sinhá Gadelha, haja vista que alguns professores atribui aos alunos todas as dificuldades vivenciadas na leitura e escrita, esquecendo que os mesmos são oriundos de famílias analfabetas e que pouco fazem para suprir tais dificuldades.

É necessário que os professores reconheçam que essa superação leva tempo e que ninguém melhor de que eles para garantir e proporcionar o incentivo de maneira paciente e estratégica, de modo que a leitura e a escrita avance além dos muros da escola, onde o aluno descubra que ler e escrever de forma significativa proporcionará satisfação e realização pessoal.

A leitura e a escrita tem um papel fundamental na vida do aluno e que para se formar bons leitores e escritores é necessário o compromisso de toda a instituição de ensino, em especial dos educadores.

Uma gama de métodos, habilidades e competências estão ao nosso dispor. O que devemos é corroborar em mediar os recursos existentes para o incentivo da leitura e da escrita e assim levar os alunos ao mundo da leitura oferecendo-lhes condições para que se torne o hábito da leitura, uma prática interdisciplinar e significativa para a formação de um novo tipo de leitor.

Mediante a construção do hábito da leitura e da escrita é imprescindível que o professor seja o mediador desse processo e que venha usar de estratégias que modifiquem e transformem as dificuldades de leitura e escrita em desafios no cotidiano dos alunos, onde as dificuldades deverão ser pontos de pesquisas e fontes motivadoras para de fato identificar as necessidades que permeiam as salas de aula no tocante ao uso da leitura e da escrita.

O processo da leitura e escrita deve garantir que o leitor compreenda os diversos textos que se propõe a ler, e que este é um procedimento que se consegue através do exercício diário e contínuo, tendo como aparato a presença do professor desenvolvendo habilidades e competência leitoras e de escrita para a superação de fato desse problema que assola a maioria dos alunos que fazem parte dos anos iniciais do ensino fundamental.

REFERÊNCIAS:

ANTUNES, Irandé. Aula de Português: **Encontro e Interação**. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

BARBOSA, Juvêncio José. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1994.

BRAGA, Maria. **Leitura no cotidiano escolar**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BASTOS, Sílvia Aparecida. **A leitura e a escrita em pleno Brasil Colonial**. São Paulo, Brasiliense: 1982.

BRASIL, Parâmetros. **Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Secretaria de educação Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, 3. ed., 2001.

BRASIL, Parâmetros **Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Secretaria de educação Fundamental. Brasília, DF, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo, Editora Scipione, 2001.

FERREIRO, Emília, **Reflexões sobre Alfabetização**. Editora Cortez. São Paulo. 1991.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FREIRE, Paulo, 1921-1997-**A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam**- São Paulo Cortez, 2009.

FREIRE. Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Primavera, 1991.

FREIRE, Paulo. MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra**. Rio de Janeiro 2006.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

KLEIMAN, Ângela. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor. In: RÖSING, Tânia; becker, Paulo (Orgs.) **Leitura e animação cultural**. Passo Fundo: UPF, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Preciso ensinar o letramento?** Preciso ensinar a ler e escrever? São Paulo 2003.

LERNER, Delia. **Ler e Escrever na Escola:** o real, o possível e o imaginário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOS, Jurandir dos. **História oral, fontes documentais e narrativas como recursos metodológicos na educação.** – Rio de Janeiro: Moderna, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro da, 1948- **Elementos de Pedagogia da leitura-** 2ed- São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SOARES, Magna. **Um tema em três gêneros.** 2 ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2001.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** 6. ed. Porto Alegre: Artemed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Narrativas Infantis:** A Literatura e a televisão de que as crianças gostam. Bauru: USC, 1992.

QUEVEDO, Hercílio F. Ler é nossa função essencial (ou não?). In: RÖ- SING, Tânia; BECKER, Paulo (orgs). **Leitura e animação cultural**. Passo Fundo: UPF, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Modelo de Termo Livre de Consentimento para as professoras
partícipes da pesquisa

Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do Projeto: A importância da leitura e da Escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Pesquisadora responsável: Paula de Almeida Santos

Eu _____, residente na _____, fui informado (a) que este projeto trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, que tem como objetivo geral analisar as dificuldades de leitura e escrita no processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. E objetivos específicos identificar a importância da leitura e da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental; Caracterizar a prática docente frente as práticas da leitura e da escrita dos educandos; Identificar as dificuldades que os alunos sentem em relação a leitura e a escrita; Conhecer como três professoras de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental vivenciam o processo de letramento dos educandos, suas estratégias e os materiais utilizados. Após ler e receber explicações sobre a pesquisa (para as partícipes desta) tive assegurados os meus direitos de obter resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos, riscos, benefícios e outros relacionados à pesquisa. Tive assegurado também o direito de retirar o meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, bem como, a não ser identificado e ser mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à minha privacidade e meu anonimato. Os resultados da pesquisa só serão utilizados para fins científicos. Caso deseje, eu posso procurar esclarecimentos junto à pesquisadora.

Após obter as informações necessárias sobre o projeto de pesquisa, declaro estar ciente do conteúdo deste Termo e desejar participar do projeto/ou autorizar que participe da pesquisa.

Sousa – PB, ____ de _____ de _____.

Nome do sujeito/ou do responsável: _____

Assinatura: _____

Assinatura da pesquisadora responsável

APÊNDICE B - Roteiro de observação para as salas de aula investigadas (Diário de Campo)

Instituição: _____

Este relatório consiste na observação em salas de aula de 1º ao 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, com o objetivo de analisar como são aplicadas as práticas dos professores com relação ao desenvolvimento da leitura e da escrita dos educados, e também verificar como os alunos desenvolvem essas práticas nos referidos anos.

A observação foi feita na escola Sinhá Gadelha que fica situada em um bairro periférico na cidade de Sousa/PB. A escola dispõe de onze turmas que vão desde os níveis do da Educação Infantil até o 5º ano.

1º dia (manhã) 18/02/2003 observação em sala do primeiro ano:

Início das aulas 7h. Ressalto que essa é a segunda semana de aula da escola após as férias. Cheguei à escola às 7h, nenhum aluno havia chegado ainda, após uns 05min da minha chegada os mesmos começaram a chegar. A professora me recebeu em sua sala, em seguida quando todos os alunos chegaram à mesma me apresentou. Nesse dia ela me informou que faltaram três alunos e me disse que a faixa etária é de sete a oito anos.

No primeiro momento a professora faz a acolhida da sala com uma música em seguida uma oração e a chamada, após a acolhida a professora apresentou aos alunos o livro Chapeuzinho Vermelho, mostrando a capa, o material, título, editora, ilustrações etc. Após ter sido feita toda a apresentação à professora pediu para os alunos ficarem em círculos e fez com eles um dialogo onde perguntou aos mesmos se eles já conheciam a história Chapeuzinho Vermelho e pedindo para quem conhecia contar um pouquinho. Eles pareciam acanhados, mas pouco a pouco, foram se soltando e alguns alunos contaram a história, meio que descontextualizada. A professora fez também com os alunos algumas interpretações orais pedindo que os mesmos recontassem a história, identificando os personagens, o tempo, o espaço que acontece a história (Onde? Quando?) a conversa durou a até a hora do recreio às 9h 15min. Percebi que a professora usou esse método buscando saber os conhecimentos prévios dos alunos sobre o conto: Chapeuzinho Vermelho. Na hora do recreio observei na sala que o cantinho da leitura a professora ornamentou muito alegre e divertido de forma que chamasse a atenção dos alunos, perguntei a mesma quanto à organização do cantinho, se tinha sido feito por ela. Ela respondeu que quando começou a

dar aulas ela já estava ali, porém ela procurou ornamentar melhor, com desenhos feitos em EVA trouxe outros livros para animação do cantinho.

Ao voltarmos do recreio a aula continua com a historia Chapeuzinho Vermelho a professora trouxe um CD com o conto para as ouvirem a exposição auditiva, em seguida ela faz uma revisão do mesmo através de interpretações orais.

Achei uma aula muito produtiva para os alunos do 1º ano, eles passaram a aula toda com a atenção presa na história, tentado contextualizar cada um de sua forma, e foi muito interessante à professora ter colocado para ouvir a historia, pois assim percebi que despertou neles a vontade de ler a história e ouvir também outras histórias. A aula foi finalizada com uma atividade para casa impressa que a professora entregou aos alunos na qual foi pedido que os alunos identificassem os seguintes pontos na história da Chapeuzinho Vermelho: Características do lobo (feroz, doméstico, manso, corpo coberto de pelos, selvagem).b) Identificar animais que tenham as mesmas características do lobo. c) O lobo é considerado um animal selvagem ou doméstico? d) Quais os cuidados que devemos ter com os animais? e) Vocês têm animais em casa? f) Quais os cuidados que você deve ter com ele? E com um desenho de lobo para que as crianças pudessem colorir.

1º (tarde) dia 18/02/2013 observação em sala do segundo ano:

Início das aulas 13h. Cheguei à escola às 13h 5min, a professora já havia chegado e uns poucos alunos, sentei no fundo da sala e fiquei observando a receptividade da professora com os alunos, demorou uns 20 minutos. Depois de todos na sala a professora me apresentou aos alunos.

Iniciada a aula, começa com uma oração, chamada e correção da lição de casa. Na lição de casa da última aula a professora tinha pedido que colassem no caderno de português dez palavras em ordem alfabética e em seguida separasse as sílabas de cada uma delas. A professora pediu que todos entregassem o caderno para que ela pudesse corrigir. Alguns não entregaram porque não haviam feito à lição, a professora questionou e eles disseram que não sabiam fazer.

No segundo momento foi aplicado um teste de leitura, a professora tinha alguns recortes com textos bem pequenos e de um em um foi tomando a leitura dos alunos e anotando em um relatório que continha o nome de cada aluno. Enquanto a professora tomava a leitura dos mesmos entregou-lhes uma atividade onde fariam uma produção de texto sobre o carnaval, me aproximei um pouco da cadeira dos alunos para olhar a atividade, na mesma tinha apenas, cabeçalho, um enunciado e umas poucas linhas para que

fosse desenvolvida a produção, não continha nenhum desenho que chamasse a atenção para estimulá-los. Observei que enquanto a professora tomava a leitura de um os outros educandos mais conversavam e menos faziam a atividade, percebi que naquela tarefa não havia estímulo algum para eles. O teste de leitura perdurou até a hora do recreio, às 15h 15min e a professora recolheu a produção dos que ainda não haviam entregado. Enquanto os alunos brincavam no recreio pedi a professora para ver o relatório sobre leitura, a mesma era avaliada nos níveis: bom, ótimo e regular, percebi que a maioria das notas estavam como regular, perguntei a professora sobre a faixa etária das crianças, ela respondeu que estavam entre 9 e 13 anos, algo que me espantou pois estavam todos fora da faixa a qual pede o 2º ano, indaguei sobre a criança de treze anos ela disse que ela era repetente pois tinha problemas com a aprendizagem e era muito desatenciosa .

De volta do recreio a professora aplicou um teste diagnóstico de português. No teste continha atividades com interpretação de texto, ortografia, palavras com letras maiúsculas e minúsculas, separação de sílabas, vogais e consoantes. O Teste perdurou até o final da aula às 17h, algumas crianças conseguiram terminar, outras apenas assinaram o nome e muito mal. Alguns pais vieram buscar os alunos, outros foram pra casa sozinhos, pois moravam bem perto da escola. A professora ficou mais um pouco em sala de aula corrigindo o caderno dos alunos foi o momento que eu pedi para observar o teste diagnóstico de português. Ressalto novamente não continha nele nenhuma gravura que tornasse a atividade alegre e estimulante.

Observei que na sala há um cantinho de leitura que fica pendurado com vários livrinhos, neste dia o cantinho não foi utilizado.

O que foi percebido neste segundo dia, foi que as atividades com relação à leitura e escrita não eram estimulantes, nem feitas de forma prazerosa, pois a leitura dos alunos foi tomada em textos minúsculos, sem desenhos e sem estímulos para a criança, a escrita também não foi desenvolvida de forma eficiente e eficaz já que a produção de texto apresentada neste dia também não motivavam os alunos a pensar sobre o que iam escrever. Outro ponto que quero destacar é que algumas crianças dessa série já vieram com problemas de aprendizagem dos anos anteriores.

2º dia (manhã) 19 /02/2013 observação em sala do terceiro ano:

Início das aulas 7h. Cheguei à escola às 7h 5min, ainda não haviam chegado todos os alunos, depois de uns 20 minutos quando todos já estavam em sala e sentados em seus lugares

a professora me apresentou a turma dizendo que eu observaria a sala de aula para conclusão de um trabalho da faculdade, em seguida fez uma oração e a chamada. Em um segundo momento foi contado aos alunos uma história sobre um tigre que vivia debochando dos outros animais da floresta. As palavras da história que as crianças não sabiam o significado a professora explicava. Durante a leitura a professora conversava com as crianças a respeito das atitudes do personagem. Os alunos começaram a relacionar a história com acontecimentos de suas vidas e relatá-los aos colegas. Foi discutido o relacionamento e o respeito entre as pessoas. Ao término da história a professora discutiu com as crianças sobre o comportamento do personagem a discussão do texto durou até a hora do recreio. Na hora do recreio também perguntei a esta professora sobre o cantinho da leitura (este cantinho tem em todas as salas da escola), se ela costumava utilizar muitos com os alunos, ela respondeu que isso depende muito do planejamento semanal, mas que geralmente sim

Ao voltar do recreio a professora explicou como seria o desenvolvimento da atividade, explicou que deveriam pintar o desenho do tigre bem forte e caprichado, recortando em seguida e montando o tigre. Mostrou um trabalho pronto feito por ela e demonstrou como recortar a parte do trabalho que é uma espiral. Distribuiu as folhas com os desenhos mimeografados para os alunos começarem o trabalho.

Para mim os objetivos desta atividade não ficaram muito claros. Seriam eles somente pintar o desenho dentro dos limites, recortá-lo e montá-lo? Aparentemente sim. Não percebi novas construções de conhecimento por parte dos alunos, já que as habilidades aqui desenvolvidas já lhes são comuns, como pintar, recortar e colar. A criatividade também ficou atrapalhada, pois quase todos os alunos pintaram o desenho com as mesmas cores e da mesma maneira, conforme o modelo mostrado pela professora. Perguntei informalmente a professora quais eram os métodos avaliativos para essa atividade ela me respondeu que considerava a participação do aluno e o capricho com o material utilizado. Acredito que pra uma melhor aprendizagem os conteúdos poderiam ter sido trabalhado produção de texto, interpretação escrita, gramática, ortografia, levando os alunos ao interesse de reler o texto, já que percebi que o nível das atividades de leitura não condiz com o ano estudado.

2º dia (tarde) 19 /02/2013 observação em sala do quarto ano:

Início das aulas 13h. Cheguei à escola às 13h em ponto a professora estava na sala e os alunos estavam chegando, quando todos estavam em seus lugares, ela me apresentou a turma.

1º momento foi feita chamada, uma oração e a correção de uma atividade de ortografia que tinha sido passada na aula anterior.

Em um 2º momento foi feita interpretação de texto (lobinho na escola de enganação) usando o livro didático. Cada aluno leu em voz alta um parágrafo do texto em seguida fizeram interpretação oral, interpretação escrita abordando o problema, o gênero e personagens do texto, atividade se estendeu até a hora do recreio sendo que nesta também foram trabalhadas questões de gramática e ortografia, retiradas do texto (obs. na escola não pode riscar os livros os alunos tem que copiar no caderno para depois responder o que se perde muito tempo).

Percebi que apesar dos alunos não terem um nível tão alto na questão de leitura e da escrita a professora se esforçou ao máximo para incentivá-los a leitura através de questionamentos e posicionamento acerca do texto.

2º momento: Foi passada uma atividade de matemática (teste de tabuada e situações-problema) nas questões de situação problema era necessária interpretação para resolução dos mesmos, então percebi que os alunos não tinham muitas habilidades de interpretação o que deve ter sido causada pelas deficiências de interpretação dos anos anteriores que diz respeito à falta de leitura com significado e também o pouco tempo que há pra se trabalhar em sala de aula a questão da leitura.

3º dia (manhã) 20 /02/2013 observação em sala do quinto ano:

Início das aulas 7h cheguei a escola às 7h e 20 min a professora já estava fazendo a chamada. Aguardei o encerramento da chamada e fui apresentada aos alunos pela professora.

No 1º momento foi feita correção da lição de casa, a professora pediu que os alunos fizessem uma atividade do livro de português, percebi que vários alunos não trouxeram a lição, a professora não questionou, apenas falou que colocaria recados nos cadernos.

No segundo momento foi entregue uma atividade impressa aos alunos que continha interpretação de texto (texto Aquarela Brasileira) e gramática de com conteúdos sobre substantivo, adjetivo, artigo e verbo. Os educandos chamavam a todo momento pela professora, pareciam não ter domínio do assunto, principalmente na interpretação de texto. A atividade durou até o intervalo do recreio.

Na volta do recreio, como sempre aquela animação. A educadora pede para os alunos fazerem uma produção de texto sobre o Brasil no caderno, mas percebo que ela não deixa claro o que ela quer saber sobre o Brasil, que pontos deseja que os alunos destaquem, não dando ênfase a atividade. Apesar de alunos de quinto ano eles pareciam não ter muita noção de como desenvolver essa atividade, perguntavam o tempo todo, muitos não sabiam

o que falar sobre o país. Penso que a professora poderia ter explicado melhor os objetivos dessa atividade e ter levado coisas (figuras, fotos, mapas...) para sala de aula que estimulasse a leitura dos alunos.

Embora os alunos tenham necessidade de um aprofundamento da leitura os professores tornam-se conteudistas esquecendo o que se torna primordial na aprendizagem das crianças: qualidade. As questões são pertinentes, porém há demonstrativos que a escola pública caminha para melhorar a qualidade educacional. Será que de fato os que a constituem zelam por isso?

Percebo que muito ainda há a se fazer para que a leitura e a escrita nas escolas se tornem algo realmente significativo, principalmente no que concerne a um trabalho coletivo que vise o desenvolvimento dos alunos, despertando assim o interesse pela leitura, pois as praticas de leitura e escrita é dever de todos os que compõem a comunidade escolar.

Outro fato que quero abordar é a questão dos livros que poucos são usados, seja por uma questão de falta de tempo ou de um planejamento realmente eficiente.

APÊNDICE C – Modelo de entrevista aplicada as professoras

Roteiro de entrevista:

1. Quais as concepções que os professores têm sobre a leitura?
2. Quais os principais aspectos que interferem no processo de aprendizagem da leitura nos alunos nas séries iniciais do ensino fundamental?
3. Qual a metodologia usada para desenvolver as práticas da leitura em sala de aula?
4. Quais são as dificuldades encontradas com relação ao desempenho da leitura e como essas dificuldades são superadas?
5. O que você faz, quando descobre em sua turma uma criança com dificuldade a leitura.
6. Quais os recursos que você utiliza para trabalhar com essa criança?
7. Você faz um trabalho individualizado ou coletivo quando percebe criança tem dificuldade na leitura?
8. Como os alunos são incentivados a desenvolver o hábito pela leitura?

APÊNDICE D – Modelo de entrevista aplicada aos alunos

1. Você gosta de ler? Que tipo de texto?
2. Você compreende o que ler?
3. No início em que você começou a estudar, teve alguma dificuldade em aprender a ler, quem te incentivava na leitura?
4. Alguns colegas não gostam de ler em público ou em voz alta. Você sabe o por quê?
5. Você tem alguma dificuldade na escrita? E o que a professora faz para você melhorar?
6. Quando a professora propõe exercício para casa, você responde sozinho ou precisa da ajuda de alguém?
7. Você costuma entender as explicações da professora durante as aulas? É atencioso (a) e faz perguntas?
8. Sua professora incentiva na leitura? De que forma?
9. Seus pais costumam ler para você?